

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

PAULA OLIVEIRA VASCONCELOS

**BIBLIOTECAS PÚBLICAS E IDOSOS: implicações e desafios**

São Paulo

2015

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

PAULA OLIVEIRA VASCONCELOS

**BIBLIOTECAS PÚBLICAS E IDOSOS: implicações e desafios**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Informação e Cultura da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Profa. Dra. Lúcia Maciel Barbosa de Oliveira

São Paulo

2015

É autorizada, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial deste trabalho, desde que citada a fonte.

#### **Catálogo na fonte realizada pela autora**

Vasconcelos, Paula Oliveira

V331b Bibliotecas públicas e idosos: implicações e desafios /  
Paula Oliveira Vasconcelos. – São Paulo, 2015.  
70 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Departamento de Informação e Cultura, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

Orientação: Profa. Dra. Lúcia Maciel Barbosa de Oliveira.

1. Idosos. 2. Bibliotecas Públicas. 3. Protagonismo cultural.  
4. Ações culturais. I. Oliveira, Lúcia Maciel Barbosa de. II. Título.

PAULA OLIVEIRA VASCONCELOS

**BIBLIOTECAS PÚBLICAS E IDOSOS: implicações e desafios**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Informação e Cultura da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Lúcia Maciel Barbosa de Oliveira (Orientadora)  
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

---

Profa. Dra. Ivete Pieruccini  
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

---

Prof. Dr. José Fernando Modesto da Silva  
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

*À minha mãe, Maria Lúcia,  
E ao Ygor.*

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Maria Lúcia, por todo o apoio e carinho, por todos os momentos difíceis que passamos juntas, por ser mais que uma mãe maravilhosa: por ser também minha grande amiga, companheira e quase irmã! Obrigada por ser meu exemplo e minha inspiração, mãe!

À minha orientadora, Profa. Dra. Lúcia Maciel Barbosa de Oliveira, por toda a paciência e apoio, além das sugestões e incentivos nos momentos em que mais precisei.

Aos professores presentes na banca, Ivete Pieruccini e José Fernando Modesto da Silva, por compartilhar parte de seu tempo para avaliar este trabalho.

Ao meu namorado, Ygor Soares Gonçalves, pelo apoio, companheirismo, carinho e ajuda em momentos difíceis: obrigada!

À minha família, pelo apoio e incentivo, principalmente meus avós Pedro e Rosa, por ajudarem ainda mais durante esses quatro anos de graduação; à minha tia Ivone e aos meus tios-avós Margarida e João, pelo carinho e atenção comigo e com minha mãe, desde quando eu era pequena.

Ao meu pai, Edilson, que mesmo não estando mais presente e, mesmo que eu nem lembre como era, sei que sempre esteve presente e o quanto queria o meu bem.

Aos professores do Departamento de Informação e Cultura, em especial à Profa. Dra. Asa Fujino, ao Prof. Dr. Francisco Carlos Paletta e ao Prof. Dr. Rogério Mugnaini pelas ideias, pela atenção e interesse, não somente no momento em que estava elaborando o projeto de pesquisa para esta monografia; e ao Prof. Dr. Marcelo Santos, pela atenção e cuidado ao receber as opiniões dos alunos.

À equipe da Biblioteca Latino Americana, em especial às bibliotecárias Cida Guimarães e Rejane do Desterro, por terem feito do meu estágio muito mais que um local de aprendizado acadêmico, por terem contribuído para meu crescimento pessoal também.

À professora Helena Queiroz Brito, que desde a segunda série do ensino fundamental me incentiva a buscar meus sonhos; obrigada pelo carinho e por ser essa pessoa tão doce.

Aos mestres que, mesmo que eu não tenha falado ou demonstrado na época, foram tão importantes para meu desenvolvimento: Profa. Vitória Cristina Morales, Prof. Márcio Yoshimura, Profa. Cristiane Bastos Ferreira, Profa. Fernanda Brito: muito obrigada pelos exemplos!

Aos meus colegas de classe, com os quais dividi esses quatro anos conversas, silêncios, amigos secretos e etc.: Ygor, Beatriz, Cris, Liana, Julia, Ellen, Juliana, Lucia, Angélica e Clara. Obrigada!

À Ingrid Cardoso Romão da Silva, por dividirmos as risadas, os incentivos, as preocupações, os conselhos, enfim, momentos bons e ruins: obrigada!

E claro, agradeço a Deus, por sempre iluminar minha vida.

**Saber Viver**

*Não sei... Se a vida é curta  
Ou longa demais pra nós,  
Mas sei que nada do que vivemos  
Tem sentido, se não tocamos o coração das pessoas.*

*Muitas vezes basta ser:*

*Colo que acolhe,*

*Braço que envolve,*

*Palavra que conforta,*

*Silêncio que respeita,*

*Alegria que contagia,*

*Lágrima que corre,*

*Olhar que acaricia,*

*Desejo que sacia,*

*Amor que promove.*

*E isso não é coisa de outro mundo,*

*É o que dá sentido à vida.*

*É o que faz com que ela*

*Não seja nem curta,*

*Nem longa demais,*

*Mas que seja intensa,*

*Verdadeira, pura... Enquanto durar*

**Cora Coralina**



## RESUMO

VASCONCELOS, Paula Oliveira. **Bibliotecas públicas e idosos: implicações e desafios**. 2015. 70 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

Este trabalho apresenta o contexto atual no qual o idoso está inserido e verifica como as bibliotecas públicas do cenário mundial se preparam e lidam com a nova configuração da sociedade. Para tanto, é utilizada a pesquisa bibliográfica, enfocando o envelhecimento populacional e suas implicações, a cultura enquanto agente transformador para o idoso e as bibliotecas públicas como dispositivo relevante de protagonismo cultural do idoso. Também são utilizadas duas abordagens como metodologia de pesquisa: a primeira, analisando três documentos internacionais (da Austrália, do Canadá e dos Estados Unidos da América) que contêm diretrizes a fim de orientar as ações desenvolvidas pelas bibliotecas públicas para idosos; a segunda, baseada na coleta e seleção de experiências e ações relevantes desenvolvidas por bibliotecas públicas de diversas localidades. Como resultados, as experiências e ações culturais realizadas por bibliotecas públicas apontam que realmente existe a preocupação, ainda que incipiente na grande maioria, com o acelerado processo de envelhecimento populacional que está ocorrendo no mundo e os impactos que essa situação promove. Também é possível perceber que as bibliotecas estão, de certa forma, se empenhando em criar oportunidades para que o idoso se aproprie desse espaço público e possa ser, de fato, um protagonista cultural. Entretanto, ainda existem muitos desafios a serem superados para que esses objetivos sejam atingidos.

**Palavras-chave:** Idosos. Bibliotecas Públicas. Protagonismo cultural. Ações culturais.

## ABSTRACT

VASCONCELOS, Paula Oliveira. **Bibliotecas públicas e idosos: implicações e desafios**. 2015. 70 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

It presents the reality in which the elderly is inserted and verifies how public libraries in the world stage prepare and deal with the new configuration of society. For such purpose the bibliographic research is used, focusing on population aging and its implications, culture as a transforming agent for the elderly and public libraries as an important instrument of cultural protagonist of the elderly. Also are used two approaches as research methodology: first, analyzing three international documents (Australia, Canada and the United States) that contain guidelines in order to guide the actions taken by public libraries for the elderly; the second, based on the collection and selection of relevant experiences and actions developed by public libraries in several locations. As results, cultural experiences and actions undertaken by public libraries indicate that really exists the concern, although incipient in most cases, with rapid population aging process that is taking place in the world and the impacts that this situation promotes. It is also possible notice that libraries are striving to create opportunities for the elderly to appropriate of this public space and can be, in fact, a cultural protagonist. However, there are still many challenges to overcome for these objectives be achieved.

**Keywords:** Elderly. Public Libraries. Cultural Protagonism. Cultural Activities.

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 – Alterações sensoriais e nos sistemas do corpo humano observadas no processo de envelhecimento e suas implicações no planejamento de ambientes para idosos.....	19
Quadro 2 – Características que são modificadas ao longo dos anos.....	30

## **LISTA DE SIGLAS**

ACLA – Allegheny County Library Association

ALA – American Library Association

ALIA – Australian Library and Information Association

CLA – Canadian Library Association

NVLC – North Vancouver City Library

OMS – Organização Mundial da Saúde

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

UNFPA – United Nations Population Fund

WLS – Westchester Library System

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. O IDOSO .....	14
1.1. Envelhecimento populacional no contexto mundial e suas implicações .....	14
1.2. Idosos: portadores de desejos e necessidades informacionais e culturais, fonte de experiências e de memória .....	21
2. A CULTURA COMO AGENTE TRANSFORMADOR.....	28
2.1. Inclusão e socialização de idosos através de atividades culturais e sociais.....	28
3. AS BIBLIOTECAS PÚBLICAS .....	37
3.1. O papel das bibliotecas no protagonismo social e cultural .....	37
3.2. As bibliotecas como espaço público de apropriação .....	40
4. ANÁLISE DE DIRETRIZES DE BIBLIOTECAS DESTINADAS AO PÚBLICO IDOSO.....	47
4.1. Documentos elaborados com a finalidade de atender aos idosos em bibliotecas públicas.....	47
4.1.1. G19 – Services for older people (AUSTRÁLIA).....	47
4.1.2. Guidelines for library and information services to older adults (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA) .....	48
4.1.3. Canadian guidelines on Library and Information Services for Older Adults (CANADÁ) .....	49
4.2. Bibliotecas enquanto espaços públicos.....	50
4.3. A questão da interculturalidade .....	54
4.4. O papel da biblioteca em relação ao protagonismo do idoso .....	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	65

## INTRODUÇÃO

A partir da década de 1950, no contexto mundial, os avanços médicos e tecnológicos, em conjunto com a elevação do nível de vida da população, melhoria nutricional, melhores condições sanitárias em geral e, particularmente, condições ambientais no trabalho e nas residências muito melhores que anteriormente, contribuíram para a diminuição das taxas de mortalidade e para o aumento da expectativa de vida, fatos que trouxeram novas questões à pauta de discussões. Diante desse quadro, observa-se a importância de compreender as necessidades e os desejos da população idosa nos âmbitos econômico, social e cultural, para orientar políticas públicas e culturais voltadas a esse público com a finalidade de garantir bem-estar e melhor qualidade de vida.

No caso específico dessa pesquisa, conhecer a situação do idoso, principalmente em relação às mudanças envolvidas no processo de envelhecimento, de modo a não perder de vista que esse indivíduo possui desejos e necessidades informacionais e culturais, assim como também é fonte de experiências e de memória, torna-se necessário para compreender de que forma esse quadro afeta sua socialização e inclusão na sociedade, além de entender a cultura enquanto agente transformador na vida do idoso. Nesse sentido, a partir da compreensão de que as bibliotecas públicas são dispositivos fundamentais de criação e fruição da cultura e de acesso e apropriação da informação, além de espaço público de máxima relevância para a convivência em sociedades complexas como as atuais, é relevante a necessidade de verificar como e se as bibliotecas públicas, no contexto mundial, estão se preparando para enfrentar os novos desafios para não apenas atender às demandas do público idoso, mas desenvolver desejos na esfera cultural e informacional.

Por se tratar de uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo, nos deparamos com algumas dificuldades durante o percurso da construção dessa monografia, principalmente em relação a encontrar materiais que estabeleçam uma conexão entre as bibliotecas públicas e os idosos, visto que mesmo contando com o elevado índice de envelhecimento populacional, ainda trata-se de uma população considerada invisível perante a sociedade e a biblioteconomia.

Dessa forma, a revisão de literatura engloba as mudanças demográficas ocorridas no mundo e o processo de envelhecimento populacional, a caracterização da cultura como agente transformador e a interculturalidade enquanto incentivadora de trocas, negociações e reconhecimentos recíprocos, assim como a inclusão e a socialização que essa transição

demográfica acarreta, caracterizando o papel da biblioteca como instrumento relevante de protagonismo cultural do idoso.

Com base na literatura verificada, foram utilizadas duas abordagens como metodologia de pesquisa: a primeira, utilizando-se como ponto de partida, para uma discussão e conceituação da relevância da biblioteca como caminho informacional e cultural para o idoso, três documentos internacionais (da Austrália, do Canadá e dos Estados Unidos da América) que contêm diretrizes a fim de orientar as ações desenvolvidas pelas bibliotecas públicas para idosos, analisando-os em perspectiva crítica, de forma a confrontar com a fundamentação teórica. Já a segunda abordagem foi baseada na coleta e seleção de experiências e ações relevantes desenvolvidas por bibliotecas públicas de diversas localidades, sendo comentadas e analisadas com a finalidade de ilustrar a análise dos documentos anteriormente citados. É importante ressaltar que a pesquisa de experiências e ações foi realizada principalmente na base de dados EBSCO, especificamente na *Library, Information Science & Technology Abstracts with Full Text*.

Nesse estudo, espera-se constatar que parte dos desejos e necessidades demandados seja atendida, e que as bibliotecas estejam se empenhando em criar oportunidades para que o idoso também se aproprie desse espaço público e nela possa interagir com diferentes atores. A fim de facilitar a leitura, foram incluídas as citações originais, em língua estrangeira, das traduções realizadas, em notas de rodapé.

## **1. O IDOSO**

### **1.1. Envelhecimento populacional no contexto mundial e suas implicações**

De acordo com o relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS), em 1980 as Nações Unidas determinaram que a idade de transição dos indivíduos aos segmentos populacionais de idosos seria de 60 anos (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 1989). Entretanto, de acordo com a United Nations Population Fund (UNFPA), muitos países considerados desenvolvidos utilizam a marca de 65 anos como ponto de referência para classificar os indivíduos idosos (UNITED NATIONS POPULATION FUND, 2012). Dessa forma, é estabelecido o contexto cronológico como indicador do momento em que a pessoa se torna idosa; além desse, a OMS ainda ressalta outros indicadores, como o biológico, o social e

o econômico. Portanto, fica explícito que há dificuldade para entrar em consenso em relação a uma única definição para idoso, pois os indicadores podem variar de acordo com o país e seu contexto.

A expectativa de vida ao nascer não parou de crescer desde a Antiguidade, sendo “[...] de 18 anos entre os romanos; de 25 anos no século XVII. [...] No século XVIII, a expectativa de vida na França era de 30 anos.” (BEAUVOIR, 1990, p. 271). Nesse sentido, Beauvoir (1990) destaca que o envelhecimento populacional teve seu início na Europa, em especial na França do final do século XVIII, mais tarde sendo verificado o mesmo fenômeno em outros países. Os motivos que levaram ao envelhecimento da população foram principalmente uma queda da mortalidade infantil e uma queda da natalidade (BEAUVOIR, 1990). A UNFPA também relata que “o envelhecimento da população está ocorrendo por causa do declínio das taxas de fertilidade, da mortalidade infantil mais baixa e do aumento da expectativa de vida em idades mais avançadas” (UNITED NATIONS POPULATION FUND, 2012, p. 21)<sup>1</sup>.

Portanto, a expectativa de vida na França aumentou, em um século, para “[...] 68 anos, no caso dos homens, e para 75 anos, no das mulheres; nos EUA, ela elevou-se a 71 anos, para o homem, e 77 para a mulher” (BEAUVOIR, 1990, p. 272). Atualmente, em relação à expectativa de vida ao nascer, entre 2010 e 2015 esse número era de 78 anos em países desenvolvidos e de 68 anos em países em desenvolvimento; as projeções apontam que no período entre 2045 e 2050, a expectativa suba para 83 e 74 anos, respectivamente. (UNITED NATIONS POPULATION FUND, 2012, p. 21)<sup>2</sup>.

Além dos fatores acima destacados, Kalache, Veras e Ramos (1987), observam que na Europa e nos Estados Unidos, em relação à diminuição de mortes por tuberculose, o aumento na expectativa de vida ao nascer foi possível tanto por conta dos avanços na área médica e tecnológica entre as décadas de 1940 e 1950, quanto por contar com

[...] a elevação do nível de vida da população, traduzido pela urbanização adequada das cidades, melhoria nutricional, elevação dos níveis de higiene pessoal, melhores condições sanitárias em geral e, particularmente, condições ambientais no trabalho e nas residências muito melhores que anteriormente (KALACHE; VERAS; RAMOS, 1987, p. 202).

---

<sup>1</sup>“Population ageing is occurring because of declining fertility rates, lower infant mortality and increasing survival at older ages” (UNITED NATIONS POPULATION FUND, 2012, p. 21).

<sup>2</sup>“In 2010-2015, life expectancy is 78 years in developed countries and 68 years in developing regions. By 2045-2050, newborns can expect to live to 83 years undeveloped regions and 74 years in developing regions” (UNITED NATIONS POPULATION FUND, 2012, p. 21).



Com essas mudanças observadas, principalmente nos países mais desenvolvidos, Beauvoir destaca que foi “[...] como se a população tivesse oscilado em torno de um eixo central, sendo os jovens substituídos pelos velhos. Observa-se esse fenômeno em quase todos os países ocidentais [...]” (BEAUVOIR, 1990, p. 273). Dessa forma, é possível perceber como houve mudanças no processo de transição demográfica. Esse fato pode ser verificado na mudança da estrutura das pirâmides etárias de determinados países, em especial os desenvolvidos, passando de uma base larga – com elevado número de nascimentos – e topo estreito – com altas taxas de mortalidade –, para uma estrutura mais retangular, de acordo com o declínio nas taxas de fecundidade e o aumento na expectativa de vida. Já os países subdesenvolvidos são considerados países jovens, pois ainda contam com altas taxas de mortalidade infantil, assim como existe a “[...] subalimentação, a insuficiência de cuidados médicos, as condições materiais [...]” (BEAUVOIR, 1990, p. 273), que dificultam o processo de envelhecimento da população. Portanto, com relação ao processo de transição demográfica, Kalache, Veras e Ramos afirmam que

[...] o processo é dinâmico; para que uma população envelheça é necessário primeiro que nasçam muitas crianças, segundo que as mesmas sobrevivam até idades avançadas e que, simultaneamente, o número de nascimentos diminua. Com isso a entrada de jovens na população decresce, e a proporção daqueles que sobreviveram até idades mais avançadas passa a crescer (KALACHE; VERAS; RAMOS, 1987, p. 204).

Por conseguinte, o envelhecimento populacional desemboca em importantes consequências socioeconômicas e de saúde, sendo questões essenciais que devem ser pensadas e analisadas pelos órgãos públicos. Gavrilov e Heuveline apontam que a relação de dependência do idoso “[...] apresenta desafios para a saúde pública [...], bem como para o desenvolvimento econômico [...]” (GAVRILOV; HEUVELINE, 2003)<sup>3</sup>. Esses desafios dizem respeito aos recursos que devem ser disponibilizados tanto para a área de saúde, pois o aumento de pessoas idosas implica também no aumento de doenças crônicas e degenerativas; assim como para os programas de assistência social, devido ao aumento no número de idosos aposentados que dependem da população ativa economicamente. Milnitzky, Sung e Pereira (2004) ainda esclarecem que

---

<sup>3</sup> “It presents challenges for public health [...] as well as for economic development [...]” (GAVRILOV, HEUVELINE, 2003).

[...] para as nações desenvolvidas ou em desenvolvimento, o envelhecimento populacional poderá se tornar um problema, caso não sejam elaborados e executados políticas e programas que promovam o envelhecimento digno e sustentável e que contemplem os direitos, as necessidades, as preferências e a capacidade das pessoas com idade igual ou superior a 60 anos (MILNITZKY; SUNG; PEREIRA, 2004, p. 56).

Dessa forma, é necessário que haja uma melhor definição de prioridades e um bom planejamento dos recursos que devem ser disponibilizados para cada área, assim como a criação de políticas bem definidas que atendam às áreas de saúde e de segurança social. Kalache, Veras e Ramos (1989, p. 206) colocam que “[...] o maior problema é como absorver e lidar com as necessidades dos idosos quando as prioridades estão claramente relacionadas a outros grupos etários da população”. Portanto, é essencial que prioridades e interesses sejam revistos com a finalidade de atender a todos que compõem a sociedade, e como lembra Beauvoir,

[...] Não somente as pessoas idosas são muito mais numerosas do que outrora, mas elas não se integram mais espontaneamente à sociedade; esta vê-se obrigada a decidir sobre o estatuto delas, e a decisão só pode ser tomada em nível governamental. A velhice tornou-se o objeto de uma política (BEAUVOIR, 1990, p. 273).

Envelhecer é inevitável; porém, há a possibilidade de contar com um processo de envelhecimento apropriado e com maior qualidade de vida. Um fator determinante nesse processo é a questão da funcionalidade. Segundo Perracini

Funcionalidade não é uma experiência humana que diz respeito ao uso de estruturas e funções do corpo para o desempenho de atividades de maneira a satisfazer necessidades e desejos de vida, utilizando recursos pessoais em determinados ambiente e cultura. Dessa maneira, a funcionalidade não é entendida apenas como um atributo que deriva das condições de saúde, mas da interação dessas condições de saúde com seu arcabouço biológico, com a experiência pessoal (que depende de sua história de vida, da cultura e de recursos pessoais e sociais) e com o ambiente (PERRACINI, 2011, p. 106).

Ou seja, a funcionalidade determina um envelhecimento bem-sucedido ou fragilizado. Abordando os aspectos positivos de ter a possibilidade de realizar atividades apesar das condições de saúde desfavoráveis, a funcionalidade confere ao idoso “[...] uma sensação de bem-estar, de satisfação com a própria vida e de felicidade” (PERRACINI, 2011, p. 1313),

além de proporcionar a autonomia e a independência desejadas. Kalache, Veras e Ramos acrescentam que “envelhecer mantendo todas as funções não significa problema quer para o indivíduo ou para a comunidade; quando as funções começam a deteriorar é que os problemas começam a surgir” (KALACHE; VERAS; RAMOS, 1989, p. 208). Por outro lado, o processo de envelhecimento também acarreta em algumas alterações, como mudanças cognitivas e fisiológicas, que podem vir a interferir no relacionamento do idoso com o mundo ao seu redor, assim como em sua autonomia e funcionalidade. Como aborda Afiune,

o envelhecimento atualmente pode ser considerado como um processo heterogêneo em razão de diferenças genéticas ou morte celular programada, bem como por fatores externos, como doenças, dieta, exercício e estilo de vida ou a combinação de todos esses fatores (AFIUNE, 2011, p. 373).

Portanto, cada indivíduo experimenta um processo de envelhecimento diferente do outro. Canineu, Samara e Stella (2011, p. 169), em relação aos declínios cognitivos, afirmam que estes têm “[...] início e progressão extremamente variáveis, dependendo de fatores educacionais, de saúde e de personalidade, bem como de nível intelectual global e capacidades mentais específicas do indivíduo”. Desse modo, é impossível estabelecer um processo de envelhecimento padrão que afetará a todos os indivíduos igualmente, pois cada um contará com suas singularidades tanto no âmbito da genética, como no social e ambiental.

Perracini (2011) realizou um levantamento de alterações sensoriais e nos sistemas que compõem o corpo humano, relacionando-os com suas implicações no planejamento de ambientes para idosos, seja em nível individual (o domicílio ou a instituição na qual vive) ou social (organizações, serviços públicos e privados, entre outros). Entretanto, é necessário lembrar que nem todas essas alterações e mudanças se aplicam a todos os idosos de forma geral e igual; ou seja, esse estudo serve para conhecer as possíveis alterações e mudanças que podem vir a acometer alguns idosos. Como o objetivo desse estudo não é o aprofundamento nas mudanças fisiológicas e cognitivas do idoso, foram destacados somente alguns itens dos quadros originais elaborados por Perracini, elencados no quadro abaixo:

**Quadro 1 - Alterações sensoriais e nos sistemas do corpo humano observadas no processo de envelhecimento e suas implicações no planejamento de ambientes para idosos**

<b>Alterações sensoriais no processo de envelhecimento e suas implicações no planejamento de ambientes para idosos</b>	
<b>Alterações com o envelhecimento</b>	<b>Principais consequências em relação ao ambiente</b>
<p>Visão (diminuição da acuidade visual, do campo visual periférico, na acomodação, na noção de profundidade, na discriminação de cores, na adaptação ao ofuscamento)</p>	<p>Detalhes podem passar despercebidos, como degraus, objetos no chão, fios de telefone, entre outros;</p> <p>Dificuldade com letras pequenas;</p> <p>Risco de queda durante a noite;</p> <p>Dificuldade com excesso de luminosidade;</p> <p>Dificuldade em andar em ambientes com sombras;</p> <p>Dificuldade em seguir pistas sensoriais mal sinalizadas [...] nas portas ou em quadros de aviso;</p> <p>Desorientação em ambientes com cores monocromáticas;</p>
<p>Audição e sistema vestibular (diminuição auditiva e do equilíbrio corporal)</p>	<p>Dificuldade em ambientes ruidosos;</p> <p>Dificuldade na discriminação de sons de intensidade alta;</p> <p>Risco aumentado de queda;</p> <p>Desorientação espacial em ambientes com muitas pessoas;</p> <p>Dificuldade em virar-se rapidamente para desviar de móveis e obstáculos;</p>
<p>Tato e propriocepção (diminuição da sensibilidade tátil, na latência da sensibilidade dolorosa, do senso de posição articular)</p>	<p>Risco de acidentes aumentado;</p> <p>Desequilíbrio [...] em áreas externas com buracos, pedregulhos, areia, etc.;</p>

<b>Alterações no processo de envelhecimento e suas implicações no desenvolvimento de ambientes: sistema muscular, conjuntivo, ósseo, neurológico e tegumentar</b>	
<b>Alterações com o envelhecimento</b>	<b>Principais consequências em relação ao ambiente</b>
Sistema muscular (sarcopenia, diminuição da força, da potência e da flexibilidade muscular)	Risco aumentado de queda; Dificuldade de levantar-se; Dificuldade em subir escadas sem corrimãos e degraus muito altos;
Sistema conjuntivo (Diminuição da elasticidade, aumento da rigidez articular, diminuição da estatura)	Dificuldade em abaixar-se, agachar ou curvar-se; Dificuldade em ultrapassar obstáculos ou degraus muito altos em ambientes de diferentes níveis;
Sistema ósseo (Diminuição da densidade óssea, alteração da microarquitetura óssea)	Risco de fratura aumentado;
Sistema neurológico (Lentidão no tempo de reação e na tomada de decisão, diminuição da eficiência dos mecanismos, dificuldade na seleção e integração de estratégias sensoriais e motoras do equilíbrio, déficit da memória em curto prazo, da atenção dividida e da atenção seletiva)	Risco de queda aumentada; Instabilidade durante a marcha; Dificuldade em ambientes com excesso de mobiliário em áreas de circulação;
Sistema tegumentar (Maior fragilidade cutânea, termorregulação deficiente, diminuição da elasticidade e maior flacidez)	Dificuldade de adaptação ao calor ou ao frio; Presença de bebedouros em locais de fácil acesso.

Fonte: Adaptado de PERRACINI, M. R. Planejamento e adaptação do ambiente para pessoas idosas. *In*: FREITAS, E.; PY, L. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. p. 1311-1323

Como é possível perceber, o risco de quedas, acidentes ou fraturas é a consequência mais frequente devido às alterações que o indivíduo experimenta com o processo de envelhecimento. A visão, a audição e o tato passam por um declínio que torna a percepção que o idoso tem das coisas prejudicada, pois, com dificuldades para se localizar espacialmente, a autonomia e a funcionalidade são limitadas. Outro fator importante a ser observado é a questão da locomoção. Com as mudanças percebidas nos sistemas que compõem o corpo humano, há dificuldades de locomover-se de um lugar a outro, levantar-se de cadeiras, sofás ou poltronas, curvar-se ou agachar para pegar determinados objetos, enfim, a independência e a autonomia também são prejudicadas nesse momento. Dessa forma, muitos idosos preferem se isolar e buscar uma “proteção” dentro de suas casas, para evitar o confronto com um mundo que pode oferecer riscos à sua integridade já afetada pelo processo de envelhecimento.

Portanto, é necessário ter uma compreensão das mudanças envolvidas e relacionadas ao envelhecimento populacional, assim como das alterações provocadas pelo processo de envelhecimento, percebendo os idosos como pessoas portadoras de experiências e fonte de memória, com a finalidade de orientar políticas públicas voltadas para esse público, principalmente no âmbito da saúde, da educação, da segurança e da cultura. De acordo com Justo, Rozedo e Correa (2010, p. 36), o aumento significativo dessa faixa etária faz com que o idoso ocupe “um papel cada vez mais significativo na sociedade contemporânea, demarcando seu espaço no âmbito econômico, político, cultural e social”.

1.2. Idosos: portadores de desejos e necessidades informacionais e culturais, fonte de experiências e de memória

Embora o envelhecimento seja um processo em que ocorrem muitas mudanças na vida de um indivíduo em nível biológico, social e econômico, não deixa de ser um momento em que as experiências acumuladas ao longo da vida conferem ao idoso um estatuto de “sábio”, pois possuem um legado de conhecimentos e experiências que não deve ser desperdiçado, podendo ser aproveitado pelas gerações presentes e futuras. Beauvoir (1990, p. 111) comenta que “tanto a etnologia como a biologia mostram que a contribuição positiva dos idosos para a coletividade é sua memória e sua experiência que, no campo da repetição, multiplicam suas capacidades de execução e de julgamento”.

Beauvoir (1990) e Bosi (1995) relatam que a velhice foi tratada pela sociedade de diferentes maneiras ao longo do tempo, “[...] pois cada sociedade vive de forma diferente o declínio biológico do homem” (BOSI, 1995, p. 77). Milnitzky, Sung e Pereira também ressaltam esse ponto de vista:

[...] os comportamentos, costumes e normas, em cada época e local, demonstram que historicamente a sociedade sempre tratou o idoso de forma diferenciada, ora respeitando-o e dignificando-o, ora tratando-o sem o devido respeito e dignidade (MILNITZKY; SUNG; PEREIRA, 2004, p. 60).

Segundo Beauvoir (1990), em algumas sociedades, os idosos não possuíam muita utilidade: eles não eram respeitados, suas experiências não eram úteis e muitas vezes eram considerados como uma carga para a família e para a comunidade. Como exemplos, podem ser destacados alguns casos da Grécia antiga, em que a sátira e a melancolia em relação à velhice eram atitudes adotadas pelos gregos. Já entre o Baixo Império e a alta Idade Média, “[...] os velhos foram mais ou menos excluídos da vida pública: os jovens conduziam o mundo” (BEAUVOIR, 1990, p. 157); essa situação se dava principalmente pela questão da força física, na velhice, não ser mais a mesma da juventude.

Entretanto, em outras sociedades há o respeito às experiências dos idosos, valorizando seus conhecimentos e ensinamentos. Bosi (1995, p. 76) aponta que “existem, sim, outras sociedades, [...], onde o ancião é o maior bem social, possui um lugar honroso e uma voz privilegiada”. Como exemplo, Beauvoir destaca a situação ocorrida na China, onde os idosos possuíam – e ainda possuem – grande autoridade sobre os jovens, além de serem muito respeitados: “[...] O respeito se estendia, fora dos limites da família, a todos os idosos: muitas vezes as pessoas fingiam-se mais velhas do que realmente eram, para ter direito a atenções” (BEAUVOIR, 1990, p. 113). Entre o povo judeu, também existia um grande respeito pelos idosos, como pode ser observado em relatos da Bíblia, por exemplo, em Provérbios: “[...] ‘os cabelos brancos são uma coroa de honra [...]’” (BEAUVOIR, 1990, p. 115). Apesar de alguns casos da Grécia antiga estarem ligados a situações de escárnio e pesar em relação à velhice, outros, como em muitas das antigas cidades, a velhice era considerada como uma qualificação, concedendo alguns privilégios quanto a posse de propriedades e honrarias no poder.

Em relação à imagem da velhice na sociedade industrial, Bosi relata que esta “[...] é maléfica para a velhice”, pois

quando as mudanças históricas se aceleram e a sociedade extrai sua energia da divisão de classes, criando uma série de rupturas nas relações entre os homens e na relação dos homens com a natureza, todo sentimento de continuidade é arrancado de nosso trabalho (BOSI, 1995, p. 77).

Diante dessa afirmação, é possível constatar que as mudanças e evoluções que ocorrem nas sociedades, muitas vezes acabam por prejudicar os relacionamentos dos idosos com os demais indivíduos de sua família ou de sua comunidade. Nesse sentido, “o velho sente-se um indivíduo diminuído, que luta para continuar sendo um homem” (BOSI, 1995, p. 79). Também em relação à comunicação com os que estão ao seu redor, o idoso pode necessitar de aparelhos específicos para se comunicar, e, quando não os possui, são privados de comunicação. Bosi (1995, p. 79) acentua que essa situação demonstra “[...] a impotência de transmitir a experiência, quando os meios de comunicação com o mundo falham. Ele não pode mais ensinar aquilo que sabe e que custou toda uma vida para aprender”. Um integrante do Grupo “Nova Vida” do SESC de Aracaju/SE coloca uma importante questão associada a essa discussão:

uma sociedade que não percebe a importância do idoso não consegue ver a sua própria identidade. Ele é um elemento gerador de fatos culturais e também um potencial consumidor de cultura. É dotado de sabedoria e experiência de vida. É grande conhecedor e participante da economia e cultura de um povo (ASSEMBLÉIA NACIONAL DE IDOSOS, 1999, p. 94).

Entretanto, é importante ressaltar que o idoso não pode ser considerado apenas como um consumidor de cultura, mas que também pode e deve ser visto como um protagonista cultural e criador de cultura. Dessa forma, são abordados outros aspectos importantes: o de lembrar experiências do passado e o compartilhamento dessas lembranças enquanto função social. Kessel coloca que na sociedade contemporânea, as lembranças e experiências de vida

[...] tem muito pouco espaço de troca. Os momentos de compartilhar a memória, tanto de idosos como de jovens, foi sendo suprimido. Alguns autores consideram que vivemos hoje uma ‘crise da memória’: ao mesmo tempo em que temos cada vez mais meios tecnológicos para registrar o que quisermos, inclusive as nossas memórias, temos menos espaços para compartilhar as nossas memórias/experiências com as outras pessoas. (KESSEL, 2004, p. 55)



Ou seja, apesar de todos os avanços tecnológicos serem voltados para facilitar e proporcionar novas formas de comunicação, armazenamento, assim como de aproximação entre as pessoas, esses mesmos avanços acabam também por distanciar os indivíduos, resultando em uma ruptura nas relações, principalmente na troca de experiências e lembranças, como foi dito acima. Segundo Larrosa Bondía, no artigo *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*, a experiência é caracterizada como “[...] o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca.” (LARROSA BONDÍA, 2002, p. 21), ou seja, o que é vivenciado por determinado indivíduo, de determinado modo. Ainda nesse artigo, Larrosa Bondía coloca alguns fatores que prejudicam as possibilidades de experiência, como por exemplo, o excesso de informação e a obsessão por estar sempre informado, anulando o conhecimento de saberes e experiências de outros que também podem nos tocar. Em relação à memória e às lembranças, Nascentes ressalta que

de fato, a memória, as lembranças, têm um papel fundamental em nossas vidas: elas nos permitem criar elos e significados ao longo do tempo. É a memória que nos informa o que fomos e, portanto, atribui significado para o que somos e nos possibilita imaginar o que seremos. (NASCENTES, 2004, p. 50)

Nesse sentido, a memória e as lembranças atuam de forma significativa na vida de um indivíduo, sendo que para o idoso, ele se ocupa “[...] consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida” quando se lembra do passado, ao contrário do adulto ativo, para o qual a “[...] memória é fuga, arte, lazer, contemplação” (BOSI, 1995, p. 60). Beauvoir (1990, p. 455) relata, sobre a velhice, que “na verdade é o passado que nos sustenta. É através do que ele fez de nós que o conhecemos”; ou seja, as ações e atitudes adotadas no passado determinam o que e no que o idoso se tornou. Além disso, de acordo com Leibing, baseada na obra do sociólogo francês, Maurice Halbwachs,

[...] são as pessoas idosas que têm um papel importante para memorizar o passado, porque, essas se desligam de muitas preocupações do presente, como a educação dos filhos, o trabalho, etc., o que os aproxima mais do passado. (HALBWACHS, 1975 apud LEIBING, 2011, p. 1567).

Ainda nesse sentido, Bosi (1995, p. 63) acrescenta que “[...] neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade”. Portanto, é possível constatar que ao envelhecer, é concedido um novo *status* ao idoso: através da memória, lembrar fatos, situações e experiências com a finalidade de colaborar com a memória coletiva da sociedade. Bosi ressalta que

Quando a sociedade esvazia seu tempo de experiências significativas, empurrando-o para a margem, a lembrança de tempos melhores se converte num sucedâneo da vida. E a vida atual só parece significar se ela recolher de outra época o alento. O vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância (BOSI, 1995, p. 82).

Dessa forma, contar, narrar e se lembrar de fatos e situações que ocorreram em sua vida, podem proporcionar ao idoso, além de uma sensação de pertencimento e continuidade, também de fortalecimento; em seu livro *Memória e sociedade*, Bosi (1995, p. 39) menciona o relato do senhor Ariosto em relação à ação de se lembrar: “Veja, hoje a minha voz está mais forte que ontem, já não me canso a todo instante. Parece que estou rejuvenescendo enquanto recordo”. Nascentes (2004, p. 73) ainda acrescenta que “[...] lembrar é, pois, um exercício dinâmico e dialético, renovável, e se constitui como base para o processo de identificação individual e social”. Também é destacado na lembrança um aspecto presente nesta que pode ser considerado como fascinante: “[...] há na lembrança uma espécie de magia à qual somos sensíveis em qualquer idade” (BEAUVOIR, 1990, p. 445).

Bosi (1995, p. 55) também enfatiza que “[...] na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”. Entretanto, as aceleradas transformações sociais e culturais observadas ao longo dos anos, incluindo as novas formas de comunicação através de dispositivos móveis, por exemplo, acabaram por modificar também as relações entre o idoso e suas atividades, como lembrar e compartilhar suas lembranças e experiências aos indivíduos que fazem parte de seu entorno, como relata Nascentes (2004, p. 73): “[...] o mundo moderno, dominado pelo presente contínuo, vive um processo de desenraizamento. A memória perde sua função de compartilhamento de múltiplos tempos”.

De acordo com Kessel (2004, p. 57), “[...] as ações de lembrar e de cultivar as nossas memórias demandam a convivência e a possibilidade de compartilhá-las em grupo”; porém, Bosi (1995, p. 88) ressalta que “[...] o homem moderno não cultiva o que ele pode simplificar e abreviar”. Dessa forma, as histórias e narrações de lembranças que poderiam ser compartilhadas pelos idosos às novas gerações acabam por não fazer sentido, afinal, como foi dito acima, lembranças são reconstruídas, repensadas e refeitas, e não estão definitivamente prontas, esperando para serem contadas, visto que “a narração é uma forma artesanal de comunicação. Ela não visa a transmitir o ‘em si’ do acontecido, ela o tece até atingir uma forma boa. Investe sobre o objeto e o transforma” (BOSI, 1995, p. 88).

Ainda nessa questão, em que na sociedade contemporânea não há tempo para o lembrar e compartilhar lembranças e experiências, Bosi (1995, p. 88) também relata que

[...] perdeu-se também a faculdade de escutar, dispersou-se o grupo de escutadores. Quanto mais se esquecia de si o ouvinte, tanto mais entrava nele a história, e a arte de narrar transmitia-se quase naturalmente. Esta rede tecida em milênios se desfia de um lado e de outro (BOSI, 1995, p. 88).

Nessa afirmação, é possível constatar que tanto a sociedade perdeu o interesse em escutar, quanto os idosos também percebem que suas histórias e narrativas não são mais tão valorizadas quanto outrora, resultando em se fecharem em si; nesse sentido, é possível constatar que “[...] não se trata do exercício em si, mas da atenção do outro, da agradável sensação de ser ouvido que o estimulava a rever fatos tão insignificantes para ele” (BOSI, 1995, p. 82). Nesse sentido Paiva, baseada em grandes teóricos, também afirma que

[...] a modernidade rompe com o ‘fio da tradição’ (Arendt), favorecendo o fim da narração e, conseqüentemente, dos narradores (Benjamin), colocando em dificuldade a continuidade entre as gerações, o compartilhamento das palavras e de espaços comuns, de modos de construção de elos intergeracionais e, por fim, colocando a memória em suspensão enquanto categoria de referência e validação do presente, assim como de preparação do futuro (PAIVA, 2015, p. 38).

Kessel (2004, p. 54) afirma que “[...] o trabalho com a memória pode ser um instrumento importante capaz de gerar o diálogo entre crianças e idosos e propiciar aprendizagens importantes sobre cada um e sobre a comunidade que integram”. Dessa forma,

esse convívio intergeracional poderia motivar a arte da narração e da reconstrução de lembranças, sendo importante tanto para o idoso quanto para crianças e jovens, pois

ao se criar a oportunidade de conectar sua experiência à experiência dos mais velhos refaz-se, para os jovens, o fio da memória, o que lhes possibilita reconhecer-se como parte de sua comunidade. E para os idosos é possível perceber continuidades a partir de suas experiências (KESSEL, 2004, p. 57).

Ou seja, essa oportunidade de conectar experiências pode ser percebida em projetos e programas intergeracionais, em que há o compartilhamento e o relato de lembranças realizados por idosos, crianças e jovens, com o intuito de unir essas gerações. De acordo com Hatton-Yeo os programas intergeracionais são

[...] espaços que oferecem oportunidades para trocas de experiências e aprendizagem das diversas faixas etárias para benefícios individuais e sociais, considerando a aproximação de gerações como um instrumento eficaz, com efeito, de inclusão social e o desenvolvimento da comunidade (HATTON-YEO, 2000, p. 6 apud LIMA, 2008).

Portanto, é fundamental destacar que, como portador de experiências e memórias a serem partilhadas, o idoso possui uma importante função na sociedade, visto que dessa forma, é proporcionada sua inclusão no mundo, além de criar novas relações e vínculos com as outras gerações.

## 2. A CULTURA COMO AGENTE TRANSFORMADOR

### 2.1. Inclusão e socialização de idosos através de atividades culturais e sociais

Em relação aos aspectos que dizem respeito ao envelhecimento populacional observado nas últimas décadas no mundo, como já foi constatado acima, ainda existem alguns desafios a serem pensados e planejados, principalmente no que concerne à participação social dos idosos. Segundo a UNFPA:

apesar de alguns progressos terem sido alcançados em viabilizar aos idosos a participarem ativamente na sociedade e no reconhecimento de suas contribuições, ainda existem desafios importantes. [...] A participação social ainda é baixa e mecanismos para melhorá-la ainda não estão bem desenvolvidos. [...] O desafio está em como garantir pelo menos algum nível de interação que evite o isolamento e promova uma maior comunicação com os pares e familiares, mesmo na presença de deficiências (UNITED NATIONS POPULATION FUND, 2012, p. 35-6)<sup>4</sup>.

Como pode ser visto, é uma preocupação relevante proporcionar meios de interação com a finalidade de evitar o isolamento social, fator que pode ocasionar complicações emocionais e psicológicas para o idoso, como levar a um quadro de depressão. Nesse sentido, “programas civis e culturais ajudam a combater o isolamento social e apoiam o empoderamento” (UNITED NATIONS POPULATION FUND, 2012, p. 39)<sup>5</sup>, sendo que na pesquisa realizada pela UNFPA, os idosos entrevistados relataram que a criação de “[...] associações de idosos foram um importante mecanismo de participação na sociedade” (UNITED NATIONS POPULATION FUND, 2012, p. 39)<sup>6</sup>. Ou seja, o empoderamento da pessoa idosa é real quando esta pode participar ativamente na sociedade, seja no âmbito cultural ou político, por exemplo, assim como afirmam Milnitzky, Sung e Pereira:

---

<sup>4</sup>Although some progress has been achieved in enabling older persons to actively participate in society and in recognizing their contributions, there are still important challenges. [...] Social participation is still low and mechanisms to enhance it are still not well developed. [...] The challenge lies in how to ensure at least some level of interaction that avoids isolation and promotes more communication with peers and families, even in the presence of disabilities. (UNITED NATIONS POPULATION FUND, 2012, p. 35-6).

<sup>5</sup> “Civic and cultural programmes help to combat social isolation and support empowerment” (UNITED NATIONS POPULATION FUND, 2012, p. 39).

<sup>6</sup> “[...] Older people’s associations were an important mechanism for participating in society” (UNITED NATIONS POPULATION FUND, 2012, p. 39).

[...] o exercício da cidadania é uma questão crucial para a inclusão do idoso. A educação para a cidadania é um grande desafio a ser enfrentado junto ao idoso: incentivá-lo e instrumentalizá-lo para assumir o papel de protagonista na busca de seu espaço social (MILNITZKY; SUNG; PEREIRA, 2004, p. 60).

Na publicação da OMS, *Guia global: cidade amiga do idoso*, que tem por objetivo “[...] mobilizar cidades para que se tornem mais amigas do idoso, para poderem usufruir o potencial que os idosos representam para a humanidade” (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2008, p.7), são explicitados itens que contribuem para um melhor entendimento do envelhecimento. Na seção 8 – Participação Social, é afirmada que

A participação em atividades de lazer, sociais, culturais e espirituais na comunidade bem como junto à família permite que os idosos continuem a exercer a sua autonomia, a gozar de respeito e estima, e a manter ou formar relacionamentos de apoio e carinho. Ela fomenta a integração social e é a chave para que os idosos fiquem informados (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2008, p. 36).

Portanto, a importância de atividades de lazer, sociais, culturais e espirituais reside na promoção da participação dos idosos, elemento que proporciona a autonomia e melhores condições para esses participantes. Milnitzky, Sung e Pereira ainda ressaltam que:

Com maior longevidade, autonomia, qualidade de vida e independência, econômica, o segmento idoso irá ocasionar impactos nas regras atuais da sociedade. Portanto, torna-se relevante o conhecimento mais acurado das expectativas e necessidades próprias do futuro idoso, bem como a sua adequação e integração social (MILNITZKY; SUNG; PEREIRA, 2004, p. 56).

Entretanto, Salgado (2007, p. 69) ressalta que “o envelhecimento é um processo multidimensional, ou seja, resulta da interação de fatores biológicos, psicoemocionais e socioculturais”, caracterizando uma situação complexa. Soares e Silva (1999, p. 56) colocam que “[...] o processo de envelhecimento pode ser difícil ou não, dependendo, em grande parte, de como seja conduzido e vivido. Pode-se envelhecer com saúde através da participação em atividades de lazer e de uma ampla convivência social”. Dessa forma, as transformações físicas, cognitivas e psicossociais que acometem o indivíduo durante o processo de

envelhecimento podem vir a dificultar a inclusão e a socialização de alguns idosos (BEAUVOIR, 1990).

Nesse sentido, alguns fatores podem dificultar a participação de idosos em atividades de lazer, culturais e sociais, e, dentre as modificações observadas no processo de envelhecimento, Beauvoir (1990, p. 284) destaca as principais alterações, tanto positivas quanto negativas, estimadas com o aumento da idade, conforme o quadro abaixo:

**Quadro 2 – Características que são modificadas ao longo dos anos**

<b>Aumentam</b>	<b>Diminuem</b>
Paladar – Regularidade do ritmo – Método – Pontualidade – Atenção concentrada e vigilante – Boa vontade – Disciplina – Prudência – Paciência – Acabamento do trabalho	Visão e audição – Força e precisão manuais – Robustez e flexibilidade – Rapidez de ritmo – Memória, imaginação, criatividade, adaptação – Atenção distribuída – Diligência – Energia – Iniciativa – Dinamismo – Sociabilidade

Fonte: BEAUVOIR, Simone de. A velhice. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p. 284.

Como é possível constatar, dentre alguns dos fatores que tendem a diminuir com o passar do tempo, são destacadas força e precisão manuais, flexibilidade, rapidez de ritmo, adaptação, atenção distribuída, iniciativa e dinamismo, além da sociabilidade. Nesse sentido, fica evidente que com a diminuição desses fatores, o idoso pode se sentir incapaz de participar de atividades culturais e sociais que podem necessitar de uma ou mais dessas características enunciadas. Silva (2001, p. 9) também relata e corrobora que o interesse em participar de atividades de lazer, culturais e artísticas “[...] pode ser diminuído pelos seguintes fatores: capacidades não exercitadas, motivação insuficiente, o indivíduo não se sente capaz”. Dessa forma, é necessário que sejam desenvolvidas “[...] ações que comprovem que a percepção de *impossibilidades* é mais aparente que real” (SILVA, 2001, p. 9, grifo do autor), para que os idosos compreendam que essas características que tendem a diminuir, não são necessariamente um problema que resulte em incapacidade para o idoso.

Em contrapartida, são destacadas características que podem vir a aumentar ao longo dos anos, como regularidade do ritmo, método, pontualidade, atenção concentrada e vigilante, boa vontade, disciplina, prudência, paciência e acabamento do trabalho. Todos esses elementos apontados podem vir a contribuir para um melhor desempenho do idoso em

atividades culturais e sociais. Silva (2001, p. 8) ainda cita que características de personalidade são acentuadas em decorrência de uma melhor avaliação crítica; maior seletividade e detalhismo; envolvimento pessoal e estímulo à criatividade; melhor acuidade e capacidade de concentração; e, por fim, o aumento da consciência da responsabilidade comunitária.

Portanto, fica evidente que o idoso pode contribuir e ser beneficiado através de sua participação em atividades de lazer, culturais e sociais. Em contrapartida, Camargo ressalta que

[...] ainda que programas, destinados à população idosa, sejam iniciativas válidas, consideradas como 'um passo à frente' nas conquistas sociais, elas só não bastam. É necessário ouvir o idoso, perscrutar-lhe a alma, permitir-lhe a sabedoria da palavra e valorizar sua experiência de vida. O respeito ao lugar do idoso como protagonista de sua própria história, e da história de sua comunidade, aliado à compreensão da licitude de ter sua qualidade de vida preservada, facultar-lhe-á o acesso natural ao lazer, sintonizado com seu poder criador e com suas heranças culturais (CAMARGO, 1999, p. 73).

Nesse sentido, também é importante ressaltar que a criação de espaços propícios para o convívio e trocas de experiências deve ser incentivado, assim como é essencial entender e escutar o que os idosos desejam e necessitam, além de contar com um combate eficiente contra o preconceito aos idosos, conforme pontua Salgado:

é necessário que se crie um espaço para a existência, socialmente produtiva, dos velhos; acreditando ser possível sua participação e contribuição para a sociedade. A subcultura preconceituosa deve ser combatida, criando-se oportunidades para que esse segmento importante possa se desenvolver social e culturalmente (SALGADO, 1998, p. 36).

Portanto, é necessário compreender de que forma a cultura atua na vida dos idosos, visto que estes produzem e são tocados por bens culturais. Segundo Silva, a cultura é como um agente transformador na vida dos idosos, causando um impacto positivo:

A participação cultural dos idosos provoca sensível melhoria em sua autoestima e qualidade de vida, retardando os efeitos negativos do envelhecimento, sejam físicos, emocionais, intelectuais ou sociais. Além disso, os idosos são depositários de um vasto e único patrimônio cultural a ser preservado e difundido, fruto de sua rica experiência (SILVA, 2001, p. 6).



Amaral (2000, p. 48), ao discutir a questão da cultura na maturidade, explicita que “para defender-se da inércia é necessário que na maturidade sejam conquistadas novas atividades, que devem ser complementos de objetivos sólidos e desenvolvidos durante o curso de vida. Entra aqui o papel preponderante da cultura”. Também é ressaltado que

A cultura é um grande auxiliar na aceitação da maturidade porque, sendo uma atividade do pensamento, oferece probabilidades de se preencher a própria existência, ou achar um modelo paralelo para se dedicar a uma atividade, que não foi aproveitada por falta de tempo na vida ativa (AMARAL, 2000, p. 54).

Silva aponta a importância da cultura e suas implicações tanto na vida de um indivíduo em qualquer faixa etária, como também na vida do idoso:

A cultura é um bem de grande importância para toda a sociedade, direito inalienável do cidadão. O acesso a ela, em qualquer faixa etária, é um fator de conhecimento, interação, descoberta e vivência de emoções, elementos necessários a uma vida saudável. Para o idoso, a cultura assume papel ainda mais vital, face à necessidade premente de melhoria e manutenção de sua qualidade de vida. A participação e a fruição dos bens culturais pelos idosos deve ser parte integrante do resgate de sua cidadania (SILVA, 2001, p. 9).

Dessa forma, a criação de atividades culturais e de lazer voltadas para os idosos, assim como o acolhimento por parte de instituições culturais, como as bibliotecas, criando condições para promover sua autonomia, sua integração e sua participação efetiva na sociedade, garantiria ao idoso o direito assegurado a todos de serem cidadãos, entendido como a expressão concreta do exercício da democracia, neutralizando os efeitos da marginalização (SILVA, 2001, p. 10). Diante do quadro apresentado, Beauvoir (1990) salienta que se conservar ativo em qualquer atividade que seja, conduz o idoso a benefícios em suas funções físicas, cognitivas e psicológicas, ressaltando, dessa forma, a importância da ocupação do tempo ocioso. Também é importante ressaltar o benefício social que as atividades promovem, pois, de acordo com Oliveira (2002, p. 42), “[...] as atividades exercidas pelo idoso permitem um reconhecimento social. Esse reconhecimento produz uma imagem positiva que, por sua vez, afeta o grau de satisfação do idoso com relação a vida”.

A cultura e o lazer, além da educação permanente, propiciam a superação dos preconceitos e estereótipos criados pela sociedade em relação ao idoso. A OMS (2008, p. 37) afirma que “[...] a educação continuada por meio das Universidades da Terceira Idade ou

através de cursos em centros comunitários ou de idosos estimula a participação e o aprendizado”. Há estudos que comprovam que a participação em atividades culturais e de lazer colabora para amenizar os declínios e consequências físicas e cognitivas trazidas pelo processo de envelhecimento. Entretanto, ainda são poucas as atividades desenvolvidas para atender a esse público; além do mais, com a chegada da aposentadoria, ao invés de aproveitar o tempo disponível para se envolver em diversas tarefas que proporcionem o lazer, o idoso busca ocupar esse tempo com atividades que ampliem o orçamento financeiro (BURITI, 2003). Soares e Silva explicitam a questão do lazer criativo:

existe a ideia do emprego do lazer de maneira construtiva, para enriquecer a mente, encontrar soluções. É o que os especialistas consideram lazer criativo. Aqui ganham relevo as características lúdicas do lazer, talvez as mais valiosas de todas, pois são as que propiciam o enriquecimento individual e social (SOARES; SILVA, 1999, p. 59).

Essa concepção é preferível ao chamado lazer passivo, fruto do entretenimento proporcionado pela televisão, por exemplo, em que o idoso assiste aos programas passivamente e não realiza produções que possam contribuir para o enriquecimento individual e social. Entretanto, o ideal seria o incentivo ao protagonismo cultural dos sujeitos de modo a ampliar a percepção da ação dos idosos, fator que também contribuiria para um diálogo intercultural. Nesse sentido, as bibliotecas, como centros de informação e cultura, possuem um importante papel em contribuir com atividades culturais, não somente com o lazer criativo, como explicitado acima, mas sim proporcionando um maior contato com a produção de bens culturais, possibilitando interações e diálogos e incentivando o protagonismo cultural.

Dessa forma, outra questão que merece destaque é a interculturalidade, processo promovido no âmbito da globalização. García Canclini (2009, p. 17, grifo do autor) indica a diferença entre os termos multiculturalidade e interculturalidade, ressaltando que ambos “[...] implicam dois modos de produção do social: *multiculturalidade* supõe aceitação do heterogêneo; *interculturalidade* implica que os diferentes são o que são, em relações de negociação, conflito e empréstimos recíprocos”. Dessa forma, a interculturalidade não pode ser encarada como um processo passivo, mas sim ativo, em que os indivíduos atuam de forma a considerar as diferenças de cada um em relações de negociações. Nesse sentido, a interculturalidade, para ser considerada consistente, “[...] deve encontrar a forma de trabalhar conjuntamente os três processos pelos quais esta se trama: as diferenças, as desigualdades e a

desconexão” (GARCÍA CANCLINI, 2009, p. 55). Ainda sobre a explicitação do termo interculturalidade, Oliveira destaca que

*a interculturalidade* – que remete à confrontação, ao entrelaçamento, ao que sucede quando os grupos entram em relação, o que pressupõe o reconhecimento da diferença a partir de negociações, conflitos e trocas recíprocas – surge como eixo a partir do qual a mobilização para a superação dessas desigualdades, garantindo-se as diferenças, pode ser consubstanciada. (OLIVEIRA, 2014, grifo do autor)

Tedeschi (2008, p. 14) também reforça a importância da interculturalidade enquanto orientadora de processos “[...] que têm por base o reconhecimento do direito à diversidade, e a luta contra todas as formas de discriminação e desigualdade social e tentam promover relações culturais diferentes”, considerando que este é um processo “[...] marcado por uma deliberada intenção de promover uma relação dialógica e democrática entre as culturas e os grupos envolvidos e não unicamente de uma coexistência pacífica num mesmo território” (TEDESCHI, 2008, p. 14), remetendo ao conceito de multiculturalidade definido por García Canclini anteriormente.

Com relação à globalização, Martín-Barbero afirma que

[...] se a revolução tecnológica das comunicações agrava o fosso das desigualdades entre setores sociais, entre culturas e países, ela também mobiliza a *imaginação social* das coletividades, *potencializando* suas capacidades de sobrevivência e de associação, de protesto e de participação democrática, de defesa de seus direitos sociopolíticos e culturais e de ativação de sua criatividade expressiva (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 19, grifos do autor).

Dessa forma, apesar de ressaltar as diferenças e desigualdades encontradas nas sociedades, a globalização também possibilita a atuação das coletividades em busca de se colocarem como participantes, ou seja, ativas democraticamente. Nesse contexto, Oliveira aponta que

[...] na perspectiva intercultural o conceito de diversidade é pensado de maneira dinâmica e processual, oposto à ideia de congelamento e encastelamento de determinados estados da cultura, estimulando as trocas, as negociações, os reconhecimentos recíprocos. É impossível pensar o desenvolvimento humano sem que haja diálogo intercultural, o que significa o reconhecimento de diferentes formas de compreender e agir sobre o

mundo, o intercâmbio de experiências, a negociação simbólica. As tecnologias de informação e comunicação são fonte potencial para que o diálogo intercultural aconteça (OLIVEIRA, 2014).

Portanto, os processos de reconhecer as diferentes formas de compreender e agir sobre o mundo, de intercambiar experiências e negociações simbólicas podem contar com o auxílio das tecnologias de informação e comunicação, favorecendo o contato com a diversidade cultural que existe dentro de um mesmo país ou até mesmo entre gerações, por exemplo. De acordo com Tedeschi (2008, p. 15), diante de uma perspectiva intercultural, mais que reconhecer a diferença, se torna necessário “[...] estabelecer uma relação, a inter-relação entre pessoas de culturas diferentes para justamente permitir um entendimento recíproco, de tal forma que essa relação implique um desafio à reelaboração de cada um”.

Retomando os três processos destacados por García Canclini, para se compreender a interculturalidade, ou seja, as diferenças, as desigualdades e a desconexão, o autor destaca que é preciso “[...] pensar-nos simultaneamente como diferentes, desiguais e desconectados, ou melhor, como diferentes-integrados, desiguais-participantes e conectados-desconectados” (GARCÍA CANCLINI, 2009, p. 99), visto que essas três modalidades são complementares. Nesse sentido, ao relacionar duas situações extremas como conectados e desconectados, por exemplo, faz-se necessária uma reflexão a respeito de como essas situações são tratadas no âmbito da globalização, fator que sugere que com as tecnologias de informação e comunicação o mundo está interligado por redes, conectando os indivíduos nas mais diversas localidades. Entretanto, García Canclini (2009, p. 99) expõe que “[...] ler o mundo na chave das conexões não elimina as distâncias geradas pelas diferenças nem as fraturas e feridas da desigualdade”. Em relação à desigualdade, Martín-Barbero (2014, p. 18, grifo do autor) coloca que “[...] a globalização *fabula* o processo avassalador do mercado, um processo que uniformiza o planeta e aprofunda as diferenças locais, desunindo-o cada vez mais”, gerando o aumento da pobreza e da desigualdade. Dessa forma, é possível confirmar que os três processos tratados por García Canclini, as diferenças, as desigualdades e a desconexão estão intimamente ligados e inter-relacionados.

Em relação à situação que a prática intercultural promove, relacionando pessoas de diferentes culturas, Tedeschi (2008, p. 18, grifos do autor) afirma que essa situação “[...] valoriza prioritariamente *os sujeitos* no seu papel de criadores e sustentadores de culturas e a formação de *contextos educativos* que promovam o caráter de totalidade e as diversas dimensões do conhecimento humano”. Nesse contexto, são destacadas as ações de criação e

sustentação das culturas por parte dos sujeitos envolvidos nessa inter-relação, favorecendo as trocas e negociações simbólicas entre indivíduos de culturas diferentes. Martín-Barbero coloca outro ponto essencial quando se refere ao

[...] direito dos cidadãos e dos grupos sociais ao *acesso à informação* não só como receptores, mas também como produtores; e também ao *direito à participação do e no conhecimento*. Pois, de um lado a hipervalorização da *informação* produz uma forte desvalorização dos saberes tradicionais não informatizáveis, como as estratégias de sobrevivência dos trabalhadores no campo, as experiências de vida dos imigrantes, a memória cultural dos idosos, etc.” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 30, grifos do autor).

Nesta citação é possível observar que a questão da memória e das experiências dos idosos, discutida no tópico anterior deste trabalho, é novamente abarcada, porém com outro fator importante: o valor excessivo dado às informações em detrimento dos saberes tradicionais não informatizáveis, como é o caso da memória cultural e das experiências dos idosos, evidenciando o que Larrosa Bondía expôs sobre o excesso da informação em detrimento das possibilidades de experiências.

Diante do exposto, é possível inferir que projetos interculturais, que abarquem os idosos, possibilitam que as diferenças existentes entre esses indivíduos pertencentes a um mesmo grupo, porém com perspectivas e interesses heterogêneos, ou de faixas etárias diferentes, entrem em relação e sejam estimuladas as trocas, as negociações e os reconhecimentos recíprocos, como menciona Oliveira, e também atuando como “[...] fator de crescimento cultural e enriquecimento mútuo, procurando sustentar relações crítico-solidárias” (TEDESCHI, 2008, p. 16). Portanto, as bibliotecas, em especial as públicas, podem possibilitar esses encontros interculturais, estimulando as trocas, as negociações e os reconhecimentos recíprocos mencionados acima, atuando de forma ativa (e não simplesmente passiva) no protagonismo social e cultural, tanto do idoso quanto de qualquer cidadão que frequente esses espaços públicos.

### **3. AS BIBLIOTECAS PÚBLICAS**

#### **3.1. O papel das bibliotecas no protagonismo social e cultural**

A obtenção de informação na terceira idade para Mane e Paiva (2007) é descrita como relevante no dia a dia, visto que pode “[...] se configurar como um fator de inclusão social”. Nesse contexto, as bibliotecas públicas assumem grande importância, pois segundo a United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO), “a biblioteca pública é o centro local de informação, tornando prontamente acessíveis aos seus utilizadores o conhecimento e a informação de todos os gêneros”; além disso, também deve ser ressaltado que “os serviços da biblioteca pública devem ser oferecidos com base na igualdade de acesso para todos, sem distinção de idade, raça, sexo, religião, nacionalidade, língua ou condição social” (UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION, 1994). Nesse sentido, é relevante destacar a importância da compreensão da origem e das funções atribuídas às bibliotecas públicas, ressaltando que as concepções dessas são diversas, visto que estão situadas em diferentes contextos histórico-sociais.

Araújo e Oliveira (2005) definem a biblioteca como “[...] uma coleção de documentos bibliográficos [...] e não bibliográficos [...] organizada e administrada para formação, consulta e recreação de todo o público ou determinadas categorias de usuários”. Nesse sentido, a biblioteca além de proporcionar o acesso à informação e ao conhecimento através da formação e da consulta, também possui como atributos fornecer atividades culturais e educativas destinadas à recreação do público em geral, também podendo elaborar atividades específicas para determinados grupos, como os idosos.

Pereira (2012) destaca que a biblioteca pública é uma instituição com caráter social, sendo “[...] sensível às transformações que se desenrolam no contexto social, econômico, político e cultural em que ela se materializa”. Dessa forma, ao longo do tempo e com a influência de revoluções e mudanças de paradigmas, as bibliotecas públicas adaptaram principalmente seu papel e suas funções. Pereira (2012) relata que em sua origem, no século XIX, onde “[...] a educação generalizou-se, o hábito de leitura difundiu-se, o prazer da arte e da música vulgarizou-se”, o principal objetivo das bibliotecas, na Europa, era de conservação e preservação da memória nacional; e foi nos Estados Unidos que ocorreu a mudança desse paradigma, onde a missão das bibliotecas voltou-se para a educação de adultos. Diante das mudanças que ocorreram, principalmente no século XIX, Almeida Júnior (1997) também

defende que as bibliotecas públicas surgem inseridas e atuam em determinado contexto social, econômico e político, e que não deve ser desconsiderado esse cenário, pois

[...] a biblioteca pública surge, não isoladamente [...]. Ao contrário, ela está imersa nas transformações, nas mudanças e alterações daquela época e, assim, deveria continuar participando de cada cenário histórico, cenários não estanques, mas dinâmicos e em constante mutação (ALMEIDA JÚNIOR, 1997, p. 22).

Para Suaiden (1995, p. 20), o objetivo primordial das bibliotecas públicas é “[...] preservar e difundir o conhecimento, principalmente no que se refere à cultura local, e dentre todos os tipos de bibliotecas é a única que possui realmente características de uma instituição social, tanto pela amplitude de seu campo de ação como pela diversificação de seus usuários”. Em relação às funções da biblioteca pública, Paiva (2008) concorda em relação à função primordial da biblioteca de atuar como memória e na conservação dos registros bibliográficos; entretanto, destaca que ao longo de seus avanços, possibilitar a democratização da informação tem sido o papel que as bibliotecas públicas desejam alcançar. Além disso, também é importante a ênfase que Paiva confere ao ressaltar que “[...] a instituição biblioteca não é (e nunca foi) uma entidade independente: seu papel e as formas de desempenhá-lo se encaixam nos limites impostos pelo seu contexto social, cultural, moral, econômico, político e tecnológico” (PAIVA, 2008, p. 15).

Também ressaltando a relação entre o contexto em que a biblioteca pública está inserida e suas funções, Machado, Elias Junior e Achilles observam que

Em se tratando de uma instituição social a Biblioteca Pública é o resultado de determinados processos sócio históricos e assume diversas funções, conforme o contexto no qual está inserida: memória; preservação e fomento da cultura; organização e disponibilização dos registros do conhecimento; acesso e produção de conhecimento; difusão da informação à comunidade; dentre outros. São entendidas como instituições sociais, porque servem a propósitos sociais, tais como: educação, cultura, lazer, informação, entre outros (MACHADO; ELIAS JUNIOR; ACHILLES, 2014, p. 116).

Nesse sentido, é enfatizada e incentivada pelos autores a visão da biblioteca pública “[...] como espaço cultural e informacional de acesso à leitura, à informação e à pesquisa, como lugares de encontro entre diferentes tipos de informação de saberes e de sujeitos e, também como espaço de produção de cultura e conhecimento” (MACHADO; ELIAS

JUNIOR; ACHILLES, 2014, p. 119). Ou seja, não somente um espaço inerte, vazio de sentidos e significados. Nesse sentido, Milanese (1983, p. 100) afirma que a biblioteca deve ser transformada “[...] efetivamente num centro onde não apenas se tem acesso à produção cultural da humanidade, mas onde também se produz cultura”.

Bernardino e Suaiden também destacam a importância do papel da biblioteca pública em relação à responsabilidade social, afirmando que

A biblioteca pública, em seu verdadeiro sentido de atuação, livre, aberta, democrática, socializadora, que ao mesmo tempo em que cuida da preservação da memória investe na construção do conhecimento e soma esforços para que *transforme e seja transformada para e pelo usuário*, e que, em razão deste, possa se tornar um ambiente vivo e efervescente de cultura (BERNARDINO, SUAIDEN, 2011, p. 34, grifo nosso).

Dessa forma, é possível concluir que as bibliotecas públicas não deveriam mais atuar de forma passiva, à espera de usuários que possam utilizar o acervo, fazer um ou outro empréstimo e só; as bibliotecas precisam dessa ampla interação com os seus frequentadores para se reinventarem, contribuindo para um enriquecimento tanto institucional quanto da sociedade que está em seu entorno, literalmente se transformando e sendo transformada. Nesse sentido, Teixeira Coelho, no *Dicionário crítico de política cultural*, expõe que

“[...] a ideia atual de biblioteca é a de um centro cultural ou, de todo modo, de um espaço que não privilegia mais o livro como objeto de uma coleção e dele faz apenas um instrumento de cultura a mais, ao lado do disco, do CD-ROM, do vídeo, da obra de arte, etc. Se a biblioteca moderna e a pré-moderna eram o lugar da coleção, a biblioteca pós-moderna se apresenta (ou quer ser) como o lugar da informação, da discussão e da criação, rompendo vastamente com seus modelos passados.” (COELHO, 1997, p. 77-78)

Além disso, é importante notar uma outra questão, que está presente no *Manifesto sobre Bibliotecas Públicas*, como sétima missão-chave das bibliotecas: “fomentar o diálogo intercultural e a diversidade cultural” (UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION, 1994), questão discutida no tópico anterior. A presença dessa missão no Manifesto indica a importância de discutir a promoção da interculturalidade no âmbito das bibliotecas públicas, local em que a interação entre os frequentadores pode e deve fomentar a troca de experiências e o intercâmbio entre diversas



culturas, auxiliando no crescimento cultural e enriquecimento mútuo, tanto dos frequentadores como da instituição, como afirma Tedeschi (2008, p. 16).

Mais que valorizar o diálogo intercultural, as bibliotecas públicas também devem atuar como espaços que promovam o protagonismo social e cultural. Nesse sentido, Perrotti e Pieruccini afirmam que o protagonismo cultural pode ser compreendido

[...] como ação afirmativa nos processos simbólicos, exercida por sujeitos de diferentes meios e condições, consideradas as dimensões plurais e conflitantes da vida social e pública, no mundo contemporâneo. Desse modo, apropriar-se de informação e cultura é ato próprio de protagonistas, categoria que no âmbito da educação e da cultura distingue-se das de usuários e de consumidores culturais. Em suas relações com o conhecimento e a cultura, os protagonistas criam e se recriam, num movimento são, ao mesmo tempo, sujeito e objeto dos processos em que se acham inseridos (PERROTTI; PIERUCCINI, 2008).

Dessa forma, ser um protagonista cultural implica criar e se recriar, envolve também as ações descritas no âmbito da interculturalidade, como as negociações simbólicas e intercâmbio entre culturas, recaindo na questão da apropriação, vista como “construção identitária e cultural” (PIERUCCINI, 2014). Nesse sentido, é importante também discutir a atuação das bibliotecas como espaço público de apropriação de sentidos e significados.

### 3.2. As bibliotecas como espaço público de apropriação

Antes de entrar na discussão sobre as bibliotecas como espaço público de apropriação, é interessante definir alguns conceitos, principalmente o de espaço público e o de lugares. De acordo com Leite, a “[...] noção de espaço público requer, para qualificar como *públicos* determinados espaços urbanos da vida contemporânea, uma inserção conceitual de mão dupla entre *espaço* e *sociabilidade pública*”, ou seja, relacionando “[...] a *construção social do espaço*, enquanto produto e produtor de práticas sociais; e a *construção espacial da sociabilidade pública*, enquanto produto e produtor de espacializações da vida social” (LEITE, 2004, p. 196, grifos do autor). Nesse contexto, as práticas sociais atuam de forma a atribuírem sentidos aos espaços, assim como as espacializações da vida social são construídas com base nas referências que os indivíduos apreendem dos espaços. Também é relevante ressaltar que quando

[...] há uma convergência entre as categorias *espaço* e *ação*, podemos entender que se tem um espaço público, formado da intersecção entre espaço urbano e a esfera pública, construtos dos quais retira, respectivamente, as categorias que lhe são constitutivas: *espaço* e *ação* (LEITE, 2004, p. 287, grifos do autor).

Dessa forma, é possível afirmar que a partir da associação entre as categorias espaço e ação, “[...] as práticas interativas atribuem sentidos aos lugares” (LEITE, 2004, p. 198). A partir dessa afirmação, outro conceito é abarcado, o de *lugares*.

De acordo com Leite (2004, p. 284), um lugar pode ser entendido como uma “[...] determinada demarcação física e/ou simbólica no espaço, cujos usos o qualificam e lhe atribuem sentidos diferenciados, orientando ações sociais e sendo por estas delimitado reflexivamente”; além disso, ao exigir sentidos construídos e praticados, um lugar é caracterizado além de sua funcionalidade, ou seja, como “[...] *espaços praticados*: não pelas trajetórias que eventualmente os pulverizam, mas através dos circuitos simbólicos que os demarcam e os tornam intercomunicáveis com os outros lugares” (LEITE, 2004, p. 35 grifo do autor).

Além disso, os lugares são demarcados de acordo com as demandas e necessidades dos indivíduos de se reconhecerem e afirmarem suas diferenças, de modo a existir uma convergência de sentidos e uma demarcação da diferença, a primeira compreendida como “[...] a representação-síntese que se faz cotidianamente de um espaço, através da qual ocorre a *demarcação da diferença* entre grupos, representações, visões de mundo, demandas políticas e culturais” (LEITE, 2004, p. 294, grifo do autor). Nesse sentido, também é importante ressaltar que

[...] um *lugar* é sempre um *espaço da construção da diferença*: nele se inscrevem as marcas que caracterizam as diferentes demandas de pertencimento a uma coletividade. É também através dessa diferenciação que um *lugar* pode vir a ser um espaço de cidadania: através dele podem ser demarcadas, social e espacialmente, as confluências ideológicas ou dissensões que se traduzirão na tentativa de uma reivindicação de diferentes valores culturais, interesses políticos, visões de mundo e necessidades materiais (LEITE, 2004, p. 298, grifos do autor).

Desse modo, os lugares são ambientes em que se configuram os processos de interação, inclusão e socialização, além de abarcarem o sentido de interculturalidade discutido no tópico anterior, elevando as singularidades de cada grupo e seus valores culturais.

Diante do exposto, além de pensar a biblioteca pública como um espaço que possui serviços e produtos destinados ao acesso à informação pelo público em geral, deve-se atentar igualmente que o espaço da biblioteca atua como um local de interação, inclusão e socialização e que seu propósito maior é o da apropriação da informação e da cultura por parte dos indivíduos. Nesse sentido, Mak aponta que “como um símbolo cultural, a biblioteca é mais do que um espaço para livros ou um lugar para lê-los” (MAK, 2006, p. 209)<sup>7</sup>.

Ray Oldenburg (1982) introduziu o conceito de *third place*, ou terceiro espaço, que se refere ao conceito de construção de comunidades, ou seja, locais informais de encontro entre a casa e o trabalho. Para compreender as bibliotecas como lugares ou espaços de encontro, Fisher et. al. (2006) utilizam a noção e as características do conceito de *third place*, que podem tornar as bibliotecas atrativas para o público em geral:

1. Ocorrer em terreno neutro onde “os indivíduos podem ir e vir como quiserem, onde não são obrigados a atuar como o anfitrião, e no qual todos se sintam em casa e confortáveis” [36, p. 22];
2. Sejam niveladores, incluindo lugares que são “acessíveis ao público em geral e que não determine critérios formais de adesão e de exclusão” e, assim, promovam a expansão das redes sociais nas quais as pessoas interagem com outras pessoas que não compreendem os seus mais próximos e queridos [36, p. 24];
3. Ter a conversa como a principal atividade – como Oldenburg explica, “nada mais indica claramente um terceiro lugar do que a conversa ser boa; que é animada, cintilante, colorida e envolvente” [36, p. 26], além disso, “é mais viva do que em qualquer outro lugar, menos inibida e mais ansiosamente perseguida” [36, p. 29];
4. São acessíveis e confortáveis: os melhores terceiros lugares são aqueles que alguém pode ir sozinho a qualquer momento, tendo a certeza de que encontrará um conhecido [36, p. 32];
5. Ter frequentadores “regulares” ou “companheiros” no que isso significa, e não a “capacidade de assentos, variedade de bebidas servidas, a disponibilidade de estacionamento, preços ou outras características” que atraem as pessoas, “que se sentem em casa em um lugar e estabelecem o tom de convívio” com os recém-chegados enquanto nutrem confiança [36, pp. 33-35];
6. Manter perfil discreto como estrutura física, o que significa que são “tipicamente simples”, aparentemente inexpressivo pelo lado de fora e não elegante, que “serve para desencorajar a pretensão entre aqueles que se reúnem lá” e fundir-se com a rotina diária dos clientes [36, p. 37];
7. Ter uma espécie persistente de estado de espírito lúdico: como Oldenburg explica, “aqueles que manteriam uma conversa séria por mais de um minuto certamente são quase condenados ao fracasso. Cada tema e palestrante é um potencial trapézio para o exercício e exibição de inteligência” [36, p. 37];

---

<sup>7</sup> “As a cultural symbol, the library is more than a space for books or a place in which to read them” (MAK, 2006, p. 209).

8. É uma casa longe de casa, os lugares onde as pessoas podem provavelmente serem encontradas quando não estão em casa ou no trabalho, “embora um tipo radicalmente diferente de definir a partir de casa, o terceiro lugar é notavelmente semelhante a uma boa casa no conforto e apoio psicológico que se estende” [36, p. 42] (FISHER ET. AL., 2006, p. 137-8)<sup>8</sup>.

Em síntese, o terceiro espaço é um local confortável próprio para encontros, acessível e não excludente, que não obriga ninguém a permanecer no lugar e que, principalmente, de acordo com a última característica apontada, que define o terceiro espaço como “uma casa longe de casa”, é um local que fornece conforto em diversos sentidos, como o psicológico, por exemplo. Entretanto, é importante ressaltar que alguns pontos da definição do terceiro espaço são discutíveis.

Em relação ao entendimento de bibliotecas como locais de encontro, ou seja, como um terceiro espaço, Almeida Júnior (1997, p. 81) ressalta que “a biblioteca deve permitir e incentivar o uso de suas dependências para o encontro de pessoas da comunidade com um mesmo objetivo”. Nesse sentido, ações realizadas dentro das bibliotecas propiciam a aproximação tanto entre pessoas com um objetivo em comum ou não, assim como um maior contato com seu público, constatando possíveis demandas e carências, além de possibilitar uma apropriação do espaço pelo público.

Desse modo, pensar a biblioteca como um lugar ou espaço destinado ao encontro entre as pessoas, em especial entre o público idoso, além de proporcionar o acesso a informações de maneira geral, também assegura que o idoso se sinta acolhido, visto que as mudanças

---

<sup>8</sup> 1. Occur on neutral ground where “individuals may come and go as they please, in which none are required to play host, and in which all feel at home and comfortable” [36, p. 22];

2. Be levelers, inclusive places that are “accessible to the general public and does not set formal criteria of membership and exclusion” and thus promote the expansion of social networks where people interact with others who do not comprise their nearest and dearest [36, p. 24];

3. Have conversation as the main activity—as Oldenburg explains, “nothing more clearly indicates a third place than that the talk is good; that it is lively, scintillating, colorful, and engaging” [36, p. 26], moreover, “it is more spirited than elsewhere, less inhibited and more eagerly pursued” [36, p. 29];

4. Are accessible and accommodating: the best third places are those to which one may go alone at most anytime and be assured of finding an acquaintance [36, p. 32];

5. Have “regulars” or “fellow customers” as it is these, not the “seating capacity, variety of beverages served, availability of parking, prices, or other features” that draw people in, “who feel at home in a place and set the tone of conviviality” while nurturing trust with newcomers [36, pp. 33-35];

6. Keep a low profile as a physical structure, meaning they are “typically plain,” unimpressive looking from the outside and not elegant, which “serves to discourage pretension among those gather there” and meld into its customers’ daily routine [36, p. 37];

7. Have a persistent playful, playground sort of mood: As Oldenburg explains, “those who would keep a conversation serious for more than a minute are almost certainly doomed to failure. Every topic and speaker is a potential trapeze for the exercise and display of wit” [36, p. 37];

8. Are a home away from home, the places where people can be likely found when not at home or at work, “though a radically different kind of setting from home, the third place is remarkably similar to a good home in the psychological comfort and support that it extends” [36, p. 42] (FISHER ET. AL., 2006, p. 137-8).

envolvidas no processo de envelhecimento são fatores que por vezes, podem provocar um sentimento de exclusão da sociedade. Portanto, é importante questionar em que medida as bibliotecas públicas atuam como locais de encontro e de apropriação pelo público, em especial pelos idosos.

Ao pensar na relação entre o idoso e as bibliotecas, Riva destaca que

A velhice é sobretudo um fenômeno social e a biblioteca pode estar atuando como uma força social viva. Ela deve estar sempre a serviço da comunidade, contribuindo para a solução de problemas sociais. Respondendo aos anseios da comunidade, ela se tornará útil e necessária (RIVA, 1996, p. 19).

Portanto, as ações desenvolvidas pelas bibliotecas não podem ser consideradas como cristalizadas, mas sim inseridas em um contexto dinâmico, em que as demandas e desejos da comunidade a qual ela atende sofrem modificações constantemente, influenciando, dessa forma, a criação e o desdobramento de novas ações culturais.

Um projeto de grande relevância foi concebido pelo Prof. Dr. Edmir Perrotti no final da década de 1980, constituindo-se em serviço de informação para crianças e jovens, com o intuito de criar “[...] um novo e original espaço de informação e cultura, constituído a partir de registros da memória de idosos, desenvolvendo, ao mesmo tempo, formas especiais que visam sua (re)elaboração e (re)inserção em contextos educativos” (FARIA, 1999, p. 2). Dessa forma, a *Estação Memória* foi implantada na Biblioteca Infanto-Juvenil Álvaro Guerra em 1997, localizada no bairro de Pinheiros, em São Paulo, sob a coordenação da Profa. Dra. Ivete Pieruccini, e tem como base a seguinte definição:

A Estação Memória é um ambiente educativo, tendo como objetivo trocas culturais intergeracionais a partir de relatos de experiência de vida de pessoas idosas. Os depoimentos dos idosos, coletados por meio de oficinas de memória semanais, são a base para a criação de produtos informacionais e realização de encontros presenciais entre velhos, crianças e jovens (ESTAÇÃO MEMÓRIA, 2014).

Para a construção do espaço em que a Estação Memória atuaria, a concepção da sala e do mobiliário foi pensada de forma a “[...] criar um lugar onde passado e presente estivessem representados de forma afirmativa”, ou seja, “[...] por meio de elementos do universo dos entrevistados e da instituição que acolheu o serviço [...], bem como de elementos significativos do universo infantil e juvenil”, considerando a importância do espaço enquanto

“[...] elemento mediador, carregado de signos que atuam diretamente nos processos de construção da memória” (FARIA, 1999, p. 117).

Dessa forma, conforme relata Faria (1999), a sala para a Estação Memória foi escolhida devido a “[...] fatores de ordem prática e estética”, ou seja, um ambiente com a menor incidência de ruídos, entrada de luz natural e com vista para a paisagem exterior. Para atuar de forma significativa e atender aos objetivos propostos anteriormente em sua definição, “tomada como mecanismo de evocação de lembranças e instrumento de processos de construção de significações, a linguagem espacial da Estação Memória objetivou extrapolar o condicionamento e os limites do funcional e do decorativo” (FARIA, 1999, p. 123), passando por reformas em que o piso e a iluminação foram trocados para conferir ao ambiente um encontro entre passado e presente, como relata Faria (1999, p. 124) “[...] buscando um diálogo capaz de construir um futuro comum”.

Na concepção do mobiliário também foi considerado o diálogo entre passado e presente, visto que

[...] A estante fixa, a vitrine de exposição, três mesas, seis bancos pequenos, quatro cadeiras, a estante para objetos e livros foram confeccionados em madeira – comum em épocas passadas – e laminado fosco, frequente em mobiliários contemporâneos (FARIA, 1999, p. 128).

Já em relação aos produtos informacionais citados na definição da Estação Memória, estes são gerados após o tratamento das memórias, ou seja, a coleta das entrevistas com os idosos e sua posterior transcrição, e podem resultar em: exposições, catálogos ilustrados e álbuns, contando “[...] as memórias (re)elaboradas a partir dos registros originais” (FARIA, 1999, p. 99). Entretanto, a Estação Memória não pôde continuar na Biblioteca Álvaro Guerra, pois “em 2008, a Secretaria Municipal de Cultura deliberou a desapropriação do espaço e a Estação foi impedida de continuar, sob a alegação de que o ambiente era usado de forma privativa” (GONÇALVES, 2011). Dessa forma, para que o projeto não fosse suspenso, foi proposto pela Profa. Dra. Ivete Pieruccini que os encontros da *Estação Memória* acontecessem no Departamento de Biblioteconomia e Documentação<sup>9</sup>, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Entretanto, alguns itens do mobiliário e do acervo, como os depoimentos orais, permaneceu na biblioteca Álvaro Guerra.

---

<sup>9</sup> É importante ressaltar que o mencionado Departamento de Biblioteconomia e Documentação é o atual Departamento de Informação e Cultura da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

O projeto *Estação Memória*, embora tenha sido apresentado brevemente neste trabalho, pode ser considerado como uma ação que propicia tanto encontros intergeracionais quanto a apropriação da biblioteca pela comunidade, além de considerar o idoso não somente como um mero consumidor, mas também como protagonista e produtor de cultura. Gomes ainda defende que

[...] a biblioteca pública, para cumprir sua missão social, deve atuar transitando sob a integração dos três paradigmas: o da conservação cultural [...]; o da difusão [...] e o da apropriação cultural, já que a biblioteca pública tem inclusa na sua missão a promoção do exercício da expressão e criatividade dos sujeitos e coletivos sociais, contribuindo, assim, para a construção e o fortalecimento da identidade social (GOMES, 2014, p. 158-9).

Dessa forma, a realização de ações em bibliotecas públicas com vistas à apropriação cultural é necessária e deve ser estimulada, fator que as demarcariam “[...] como um espaço colaborativo na construção do protagonismo cultural e social” (GOMES, 2014, p. 159). Além disso, Paiva (2015, p. 40, grifo do autor) afirma que “a *experiência* alimenta-se de um espaço comum, em que narrador e ouvinte podem compartilhar suas vidas e seus discursos”; dessa forma, as bibliotecas públicas podem atuar como mediadoras desses encontros e relações, como foi possível perceber no projeto *Estação Memória*.

Também através da observação do cuidado empregado na concepção e construção do espaço em que a *Estação Memória* atua, dentro de uma biblioteca pública, é possível reafirmar a importância de pensar as bibliotecas como espaços, conforme foi abordado no tópico anterior, ou seja, locais de interação, inclusão e socialização.

## **4. ANÁLISE DE DIRETRIZES DE BIBLIOTECAS DESTINADAS AO PÚBLICO IDOSO**

4.1. Documentos elaborados com a finalidade de atender aos idosos em bibliotecas públicas

As reflexões realizadas sobre o envelhecimento populacional e suas implicações, sobre a relação do idoso com a cultura (em especial, com projetos interculturais), além de pensar as bibliotecas públicas enquanto espaços públicos de apropriação e interação, geraram dúvidas acerca de como as bibliotecas públicas se posicionam frente a esses novos desafios. Nesse sentido, durante pesquisas acerca de experiências significativas realizadas nessas instituições, foram encontrados documentos de três países que orientam e definem diretrizes para bibliotecas e serviços de informação para o atendimento aos idosos, pertencentes à Austrália, ao Canadá e aos Estados Unidos da América.

Dessa forma, ao realizar a leitura dessas diretrizes, houve um estranhamento com relação ao que foi encontrado durante a construção do panorama teórico, demonstrando, nos documentos, uma atitude ainda passiva das bibliotecas em relação aos idosos e aos novos desafios trazidos com o envelhecimento populacional. Portanto, esses três documentos foram eleitos para serem analisados, de forma a confrontá-los com o embasamento teórico realizado nos capítulos anteriores, além de apresentar, durante a análise, algumas experiências bem-sucedidas e significativas, realizadas por bibliotecas públicas de diversas localidades, voltadas para o público idoso.

Foram definidos três eixos para serem discutidos em relação às diretrizes, com base na fundamentação teórica, a saber: a questão da interculturalidade; as bibliotecas enquanto espaços públicos e, por fim, o papel da biblioteca em relação ao protagonismo do idoso. Entretanto, antes de prosseguir com a análise, é importante apresentar os documentos brevemente, de forma a contextualizar as diretrizes a serem trabalhadas durante a análise.

### 4.1.1. G19 – Services for older people (AUSTRÁLIA)

Essa diretriz, inserida na *Standards and Guidelines for Australian Public Libraries*, publicada em 2012 e desenvolvida pela Australian Library and Information Association (ALIA), possui como objetivos “garantir que os membros idosos da comunidade possam acessar e usar coleções, serviços e programas de bibliotecas” (AUSTRALIAN LIBRARY



AND INFORMATION ASSOCIATION, 2012, p. 58)<sup>10</sup>, além de, em sua definição, considerar como idosa, a pessoa que possui 65 anos ou mais. É explicitado que

A biblioteca funciona com conselho(s), grupos comunitários e serviços do governo em iniciativas para idosos.

Os clientes idosos da biblioteca são representados em consultas às comunidades, pesquisas e grupos focais.

[...]

O orçamento das bibliotecas em recursos para idosos e pessoas com deficiência refletem as prioridades e os dados demográficos por área.

Os funcionários da biblioteca são treinados para atender às necessidades informacionais e recreativas dos idosos (AUSTRALIAN LIBRARY AND INFORMATION ASSOCIATION, 2012, p. 58)<sup>11</sup>.

Além disso, o documento descreve o que deve ser incluído nos materiais e coleções relevantes, assim como as tecnologias apropriadas e os serviços e programas voltados para idosos.

#### 4.1.2. Guidelines for library and information services to older adults (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA)

Elaborada pela American Library Association (ALA) em meados da década de 1970, foi atualizada de acordo com as mudanças demográficas ocorridas nas últimas décadas, sendo aprovada a última versão em 2008 (AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, 2008). Como idoso, o documento define a pessoa que tem, pelo menos, 55 anos. Na introdução, é relatado que “[...] a população atual de idosos é a mais heterogênea da história dos Estados Unidos da América”, fator que influenciou a atualização dessas diretrizes, refletindo “[...] um princípio básico em serviços de biblioteca para idosos, que reconhece esta diversidade e desencoraja os

---

<sup>10</sup> “To ensure that older members of the community can access and use library collections, services and programs” (AUSTRALIAN LIBRARY AND INFORMATION ASSOCIATION, 2012, p. 58).

<sup>11</sup> The library works with Council(s), community groups and government services on initiatives for older people. Older library customers are represented in community consultations, surveys and focus groups.

[...]

Library budgets for resources for older people and people with disabilities reflect priorities and area demographics.

Staff are trained to meet the information and recreational library needs of older people (AUSTRALIAN LIBRARY AND INFORMATION ASSOCIATION, 2012, p. 58).

estereótipos no planejamento de coleções, programas e serviços para esta população crescente” (AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, 2008)<sup>12</sup>.

Dividida em sete tópicos, as diretrizes elencam as seguintes orientações:

1. Obter dados atuais sobre a população idosa e incorporá-los ao planejamento e ao orçamento.
2. Assegurar que as necessidades e interesses especiais dos idosos em sua comunidade sejam refletidos nas coleções, programas e serviços da biblioteca.
3. Certificar que as coleções e instalações físicas da biblioteca sejam seguras, confortáveis e convidativas para todos os idosos.
4. Tornar a biblioteca um ponto focal para os serviços de informação para idosos.
5. Mirar a população idosa na programação da biblioteca.
6. Abranger os idosos da comunidade que são incapazes de se deslocarem para a biblioteca.
7. Treinar a equipe da biblioteca para servir idosos com cortesia e respeito (AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, 2008)<sup>13</sup>.

Dessa forma, em cada tópico são abrangidas as recomendações e sugestões determinadas pela ALA em relação aos serviços voltados aos idosos.

#### 4.1.3. Canadian guidelines on Library and Information Services for Older Adults (CANADÁ)

Preparada pelo Interest Group on Services for Older People da Canadian Library Association (CLA), foi aprovada pelo Conselho Executivo da CLA em setembro de 2009, abarcando uma breve introdução, a definição de idosos para os fins do documento (pessoas com 60 anos ou mais) e as diretrizes propriamente ditas, possuindo muita semelhança com o documento elaborado pela ALA, apresentado anteriormente.

---

<sup>12</sup> “[...] the current population of older adults is the most heterogeneous in U.S. history. [...] a basic principle in library services to older adults that recognizes this diversity and discourages stereotyping in planning collections, programs and services for this growing population” (AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, 2008).

<sup>13</sup> 1. Acquire current data about the older population and incorporate it into planning and budgeting.  
2. Ensure that the special needs and interests of older adults in your community are reflected in the library's collections, programs, and services.  
3. Make the library's collections and physical facilities safe, comfortable and inviting for all older adults.  
4. Make the library a focal point for information services to older adults.  
5. Target the older population in library programming.  
6. Reach out to older adults in the community who are unable to travel to the library.  
7. Train the library's staff to serve older adults with courtesy and respect (AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, 2008).

Na introdução do documento, também é explicitado o aumento da população idosa, sua diversidade e o impacto que essa parcela da sociedade pode implicar no funcionamento das bibliotecas, assim como orientações: “[...] fornecer uma lista de verificação para as bibliotecas usarem em serviços de planejamento [...], e que vai incentivar uma melhor utilização das bibliotecas por esta população em crescimento” (CANADIAN LIBRARY ASSOCIATION, 2009).

As sete orientações destacadas no documento elaborado pela ALA, em 2008, são abordadas da mesma forma pela CLA, sendo diferenciados alguns pontos dentro de cada uma, além de contar com a inclusão de uma oitava diretriz, “Oferecer oportunidades de engajamento cívico para a comunidade de idosos” (CANADIAN LIBRARY ASSOCIATION, 2009)<sup>14</sup>.

Após destacar de forma breve o conteúdo dos documentos, prosseguimos com a análise dos documentos sob a ótica da fundamentação teórica realizada neste trabalho, além de apresentar experiências e ações desenvolvidas por bibliotecas, em diversas localidades.

#### 4.2. Bibliotecas enquanto espaços públicos

Conforme exposto na fundamentação teórica deste trabalho, especialmente na pesquisa do sociólogo Rogério Proença Leite, um espaço público é caracterizado de acordo com as práticas sociais realizadas em determinados lugares, que atuam com o objetivo de atribuir sentidos a esses espaços. O conceito de lugares é, também, abordado, considerando que estes são demarcados de acordo com as demandas e necessidades dos indivíduos de se reconhecerem e afirmarem suas diferenças, de modo a existir uma convergência de sentidos e uma demarcação da diferença.

A biblioteca enquanto espaço público de apropriação deve ser entendida como um ambiente propício às trocas simbólicas incentivadas por meio das práticas sociais. Nesse sentido, o conceito de *third place*, cunhado por Ray Oldenburg, que configura um lugar agradável para se estar, longe de casa ou do trabalho, possibilita a interação e as trocas simbólicas, visto que configuram lugares acessíveis e confortáveis ao público em geral, de modo a não determinar critérios formais de adesão e de exclusão.

---

<sup>14</sup> “Provide opportunities for civic engagement for the older adult community” (CANADIAN LIBRARY ASSOCIATION, 2009)

Um exemplo relevante da biblioteca como um ambiente propício para um local de encontro e interação pode ser percebido na ação da North Vancouver City Library (NVCL), localizada na província da British Columbia, com o programa *Seniors' Gathering*. Apesar de não existirem muitas informações disponíveis a respeito dessa ação, no site da biblioteca há a seguinte definição do programa:

Este programa informal para adultos, com 55 anos ou mais, acontece na segunda terça-feira de cada mês, das 10:00 às 11:30. Encontro para um café, biscoitos e um bate-papo temático. Eventos anteriores incluíram uma série de palestrantes convidados que compartilharam informações sobre tudo, desde dicas de trânsito e de fabricação de chocolate, até e-books e política (NORTH VANCOUVER CITY LIBRARY, 2014)<sup>15</sup>.

O *Senior's Gathering* pode ser percebido como uma ação que visa integrar o público idoso à biblioteca, na qual essa disponibiliza o local para que palestras e diálogos importantes para a comunidade sejam discutidos e definidos pela mesma, além de contribuir para a participação cívica dos idosos, essa ação também proporciona encontros que conduzem à socialização e interação do público. Entretanto, essa ação poderia ser melhor explorada, atraindo também outros públicos para esses encontros, colaborando para que processos interculturais e intergeracionais ocorram.

Isto posto, seria importante constar nas diretrizes para as bibliotecas a questão dos espaços públicos enquanto lugares de socialização e interação que, contribuindo para a atribuição e negociação de sentidos, favorecem as trocas simbólicas e a identificação dos diversos públicos com as bibliotecas. Somente nas diretrizes australianas há orientação em relação ao oferecimento de: “Oportunidades e espaços para apoiar os grupos a se conhecerem” (AUSTRALIAN LIBRARY AND INFORMATION ASSOCIATION, 2012, p. 59)<sup>16</sup>. É possível perceber, nessa afirmação, que há uma tentativa de oferecer locais de interação e socialização para os idosos, até mesmo para grupos de diferentes gerações se relacionarem. Entretanto, mesmo essa consideração acerca do espaço público das bibliotecas pode ser considerada como algo vago, sem demonstrar uma relação direta com o que foi discutido e proposto nesse trabalho em relação aos espaços públicos de apropriação através

---

<sup>15</sup> This drop-in program for adults 55 and over takes place on the second Tuesday of every month, from 10 am to 11:30 am. Meet for coffee, cookies and a themed-based chat. Previous events have included a range of guest speakers who have shared information on everything from transit tips and chocolate-making, to downloadable ebooks and politics (NORTH VANCOUVER CITY LIBRARY, 2014).

<sup>16</sup> “Opportunities and spaces for support groups to meet” (AUSTRALIAN LIBRARY AND INFORMATION ASSOCIATION, 2012, p. 59).

das práticas sociais. O que é possível depreender na leitura dos documentos é que, em geral, os três privilegiam orientações destinadas principalmente ao *espaço físico*, quando do planejamento da coleção, dos serviços e programas que seriam elaborados para atender o público idoso.

Como exemplo, as diretrizes australianas destacam que os serviços e programas deveriam incluir “espaços apropriados, por exemplo, áreas de leitura bem iluminadas e tranquilas, com cadeiras confortáveis” (AUSTRALIAN LIBRARY AND INFORMATION ASSOCIATION, 2012, p. 59)<sup>17</sup>. É indiscutível a necessidade de um bom planejamento de estrutura, do mobiliário e da própria coleção da biblioteca para atender tanto idosos quanto pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, visto que “os serviços da biblioteca pública devem ser oferecidos com base na igualdade de acesso para todos [...]” (UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION, 1994). Dessa forma, considerar as alterações que ocorrem no processo de envelhecimento é essencial para ter em mente os principais aspectos que precisam ser adequados e/ou melhorados em uma biblioteca.

Conforme foi discutido, há alterações sensoriais e nos sistemas do corpo humano que podem dificultar a autonomia do idoso, como foram listadas no *Quadro 1 - Alterações sensoriais e nos sistemas do corpo humano observadas no processo de envelhecimento e suas implicações no planejamento de ambientes para idosos*, nas páginas 19 a 20 deste trabalho. A visão, o tato, a audição e sistema vestibular sofrem alterações significativas, além dos sistemas muscular, conjuntivo, ósseo e tegumentar, alterações que podem gerar implicações no acesso e uso das bibliotecas, como na leitura de um livro, dificuldade de locomoção, entre outros.

Pensando em melhorar os serviços prestados ao público idoso, a Biblioteca de São Paulo, pertencente à Secretaria Estadual de Cultura e gerida pela SP Leituras que, através da parceria com o Instituto Tellus, desenvolveu o *Programa +60*, tendo como desafio “[...] transformar as bibliotecas públicas em espaços de convivência e interação de pessoas” (INSTITUTO TELLUS, 2012, p. 10), contando com a sensibilidade de funcionários e usuários para atrair e cativar cada segmento da comunidade, inclusive o público idoso. Para tanto, dois aspectos foram essenciais: o primeiro, de compreender quem é esse público; e o segundo, conforme o Instituto Tellus (2012, p. 11, grifo do autor), adotar o “[...] compromisso de compreender o público de terceira idade não apenas como ‘usuário’ passivo de um serviço, mas também como agente, reproduzidor e criador de cultura, a ser

---

<sup>17</sup> “Appropriate spaces, e.g. well-lit quiet reading areas, with comfortable chairs” (AUSTRALIAN LIBRARY AND INFORMATION ASSOCIATION, 2012, p. 59).

integrado a todos os outros públicos atendidos pela biblioteca”. Nessa concepção, é possível perceber a tentativa de focar no protagonismo do idoso.

De acordo com a publicação do Instituto Tellus, *Inovação em serviços de biblioteca para a Terceira Idade*, os resultados finais da concepção do *Programa +60* foram:

Serviço implementado e operando com um time de cinco atendentes selecionados e capacitados. Agenda anual com oficinas, palestras, cursos e eventos voltados ao público com mais de 60 anos. Caderno executivo com o plano de ação com mais de 400 ideias a serem implementadas para a melhoria do serviço. Espaço físico com poltronas, mesas, prateleiras, lupas, proteção de quina de mesa, entre outras soluções voltadas para o público, nomeado como Espaço +60. Desenvolvimento da identidade visual e materiais de comunicação para a divulgação do projeto. Seleção de acervo focado nas necessidades e desejos do público +60 (INSTITUTO TELLUS, 2012, p. 27).

Embora a concepção do *Programa +60* tenha abordado a questão do protagonismo do idoso, através dos resultados finais apresentados acima e das atividades desenvolvidas pela Biblioteca de São Paulo é possível perceber que o protagonismo do idoso ainda não é contemplado de forma satisfatória, visto que a questão da acessibilidade foi o foco central no desenvolvimento do *Programa +60*. Enfim, pensar a biblioteca enquanto espaço público de apropriação implica contemplar o protagonismo do indivíduo, ou seja, não como um agente passivo, mas sim como agente, fruidor e criador de cultura.

Continuando com a análise dos documentos, em síntese, os três documentos abordam a questão da acessibilidade; em especial, as diretrizes norte-americanas e as canadenses indicam que seria interessante avaliar quanto a biblioteca pode ser considerada acessível e/ou melhor adequada para atender a esse requisito, de acordo com normas de acessibilidade desses países. Cabe ressaltar que no caso do Canadá, a norma mencionada é específica para bibliotecas, a *Canadian Guidelines on Library and Information Services for People with Disabilities*; também são mencionadas outras duas diretrizes para auxiliar na verificação da acessibilidade através de *checklists*, sendo essas *Accessible Canadian Library II* e *Canadian Standards Association's Barrier-Free Design*. Já nos Estados Unidos, trata-se de uma norma com recomendações gerais para acessibilidade em prédios, a *Accessibility Guidelines for Buildings and Facilities of the Americans with Disabilities Act*.

Apesar de ser constatada a importância primordial de contar com uma biblioteca acessível para todos, onde os serviços, programas e coleções possam atender a diversos públicos, seja com ou sem algum tipo de dificuldade, não é possível planejar a coleção, os

serviços e programas da biblioteca somente considerando o espaço em sua dimensão física. É cada vez mais necessário refletir sobre os espaços enquanto locais públicos de apropriação e socialização de conhecimentos e trocas simbólicas, de negociação de sentidos, tendo em mente que, de acordo com Leite,

[...] um *lugar* é sempre um *espaço da construção da diferença*: nele se inscrevem as marcas que caracterizam as diferentes demandas de pertencimento a uma coletividade. É também através dessa diferenciação que um *lugar* pode vir a ser um espaço de cidadania: através dele podem ser demarcadas, social e espacialmente, as confluências ideológicas ou dissensões que se traduzirão na tentativa de uma reivindicação de diferentes valores culturais, interesses políticos, visões de mundo e necessidades materiais (LEITE, 2004, p. 298, grifos do autor).

Ou seja, é através dos espaços públicos, considerados como lugares confortáveis e propícios para socialização e interação entre grupos, que a proposta da interculturalidade se faz presente, não somente com a aceitação do diferente, mas sim com as relações de conflitos, negociações e trocas simbólicas que são passíveis de ocorrerem, situação que pode favorecer e encorajar o exercício da cidadania dos idosos.

#### 4.3. A questão da interculturalidade

Como foi abordada anteriormente, a interculturalidade é um processo ativo, em que os indivíduos atuam de forma a considerar as diferenças de cada um em relações de negociações, além de contar com as trocas simbólicas, com a possibilidade de ocorrerem em espaços públicos e lugares que proporcionem realmente um *espaço da construção da diferença*, como afirma o sociólogo Rogério Proença Leite.

Retomando o autor Losandro Antonio Tedeschi, a importância da interculturalidade está presente em sua função enquanto orientadora de processos “[...] que têm por base o reconhecimento do direito à diversidade, e a luta contra todas as formas de discriminação e desigualdade social e tentam promover relações culturais diferentes” (TEDESCHI, 2008, p. 14). Ou seja, ao incentivar a realização e o encontro das diferentes relações e manifestações culturais, a biblioteca atua de forma a estimular e fomentar projetos interculturais que também podem ser facilitados pelas tecnologias de informação e comunicação, como destacou Oliveira, de modo a favorecer o contato com a diversidade cultural que existe entre diferentes gerações.

Como uma experiência bem-sucedida de relação intergeracional, destaca-se o Programa *Conócelos y aprende*, realizado na Biblioteca Pública de Santiago de la Ribeira, pertencente ao sistema de bibliotecas de San Javier (Murcia), na Espanha. Após realizar um estudo da comunidade local, foi evidenciado que entre idosos e crianças não havia uma comunicação suficiente. Dessa forma, Díaz Grau (2006) relata que a primeira ação foi buscar uma parceria com a diretora do *Centro de Mayores del Municipio*, com a finalidade de elaborar um plano de ação. Em síntese, o Programa *Conócelos y aprende* abrange crianças entre oito e dez anos, que se reúnem na biblioteca com um “[...] grupo de idosos que contarão às crianças os destaques de suas vidas quando eles tinham sua idade” (DÍAZ GRAU, 2006, p. 59)<sup>18</sup> e, ao final das histórias, idosos e crianças podem perguntar o que quiserem.

É possível perceber semelhança com a Estação Memória, apresentada anteriormente, visto que as histórias contadas pelos idosos e o diálogo ao final dessas histórias são escritos pelas crianças, encadernados e se tornam parte do acervo, onde a biblioteca coleta e documenta a história oral. Segundo Paiva (2015, p. 175), programas e oficinas intergeracionais atuam como “[...] palco de mediações, em que protagonistas participam dos jogos afirmativos de produção de sentidos e de qualificação de informações que, nessas dinâmicas, são alçadas à condição de conhecimento e cultura”; ou seja, a condição de protagonista aparece relacionada com a interculturalidade, visto que em contato com as diferenças – em relações de negociação, conflito e empréstimos recíprocos, conforme García Canclini expõe –, há a promoção de uma relação dialógica e democrática entre as culturas.

Voltando aos documentos, como foi possível perceber, as diretrizes do Canadá abordam, de forma explícita, como a biblioteca deve “garantir que os serviços para idosos acolham a diversidade cultural e as diferenças econômicas” (CANADIAN LIBRARY ASSOCIATION, 2009)<sup>19</sup>. Ou seja, além de compreender que existe uma heterogeneidade entre os idosos, tanto cultural quanto econômica e social, é preciso refletir acerca dos serviços que serão oferecidos pela biblioteca, com a finalidade de receber todos os indivíduos que desejam participar, de forma democrática e não excludente, como determina a UNESCO no *Manifesto sobre bibliotecas públicas*.

Um ponto a ser destacado no âmbito da interculturalidade, é que os programas intergeracionais poderiam ser considerados como projetos interculturais, visto que colocam

---

<sup>18</sup> “[...] grupo de mayores contara a los niños aspectos destacados de sus vidas cuando tenían su edad” (DÍAZ GRAU, 2006, p. 59)

<sup>19</sup> “Ensure that services for older adults embrace cultural diversity and economic differences” (CANADIAN LIBRARY ASSOCIATION, 2009).



em relação gerações com pontos de vista, necessidades, desejos e experiências diversas que, segundo Oliveira (2014), acabam contribuindo para “[...] o reconhecimento de diferentes formas de compreender e agir sobre o mundo, o intercâmbio de experiências, a negociação simbólica”.

As três diretrizes abordam a questão de programas intergeracionais, como no documento dos Estados Unidos: “Incluir programas intergeracionais e participar de projetos intergeracionais patrocinados por outras pessoas da comunidade. Considerar parcerias com escolas locais, creches ou organizações comunitárias.” (AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, 2008)<sup>20</sup>. Dentro desse contexto, a Allegheny County Library Association (ACLA), uma organização sem fins lucrativos, sediada no oeste da Pensilvânia, que foi criada em 1991 com a finalidade de incentivar a colaboração e o compartilhamento de recursos entre bibliotecas, atua de forma dedicada aos programas intergeracionais em diversas bibliotecas, visto que o condado de Allegheny County tem a segunda maior população idosa dos Estados Unidos.

Como exemplo, a ACLA, em parceria com a Andrew Bayne Memorial Library e a Brew House Association, proporcionou o *Create Together: An Intergenerational Art Program*, “[...] um programa de arte intergeracional de seis semanas, reunindo idosos e jovens para oficinas de arte e para uma galeria de exposições” (LEONETTE, 2012)<sup>21</sup>. Esse programa intergeracional possui como objetivo “[...] expandir as perspectivas que jovens e idosos possuem de cada um, e usou o veículo das artes visuais como o ponto de encontro” (LEONETTE, 2012)<sup>22</sup>, no qual são selecionados entre 10 e 12 participantes, sendo formadas duplas em que o idoso e a criança atuam como parceiros na produção artística de esculturas, colagens, desenhos, tecidos, fotografias, pinturas acrílicas e aquarelas mistas, entre outros, que depois serão expostos. Um ponto importante é que “neste processo de aprofundamento de sua consciência e apreciação das artes, os participantes também aprofundam a sua confiança e compreensão um do outro” (ALLEGHENY COUNTY LIBRARY ASSOCIATION,

---

<sup>20</sup> “Include intergenerational programs and participate in intergenerational projects sponsored by others in the community. Consider partnerships with local schools, daycare facilities or community organizations” (AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, 2008).

<sup>21</sup> “[...] a six-week intergenerational art program bringing together older adults and youth for art workshops and a gallery exhibit” (LEONETTE, 2012).

<sup>22</sup> “[...] to enhance youth and older adults’ perspectives of each other, and used the vehicle of visual arts as the meeting ground” (LEONETTE, 2012).

C2015)<sup>23</sup>, ou seja, há o reconhecimento das diferenças e a relação dialógica e democrática entre idosos e crianças.

Apesar de ter sido destacada, nos documentos, a importância de contar com programas intergeracionais nas bibliotecas, também é relevante observar que esses programas não devem ser elaborados de qualquer forma, que possam até mesmo tratar o idoso de modo infantilizado ou que o ridicularize, propagando os estereótipos negativos que retratam a velhice como o retorno à infância. É preciso considerar que o idoso deseja participar ativamente da sociedade, resultando em seu empoderamento; Milnitzky, Sung e Pereira (2004, p. 60) afirmam que é importante incentivá-lo e criar condições “[...] para assumir o papel de protagonista na busca de seu espaço social” é essencial para o empoderamento do idoso. Para reforçar essa ideia, utilizando a afirmação de Camargo (1999, p. 73), que também ressalta que “[...] o respeito ao lugar do idoso como protagonista de sua própria história” deve ser levado em consideração, é possível planejar programas e serviços que não menosprezem a capacidade intelectual do idoso.

Ainda no âmbito da interculturalidade, as memórias e as experiências que o idoso traz consigo também devem ser consideradas, visto que, apesar da modernidade acabar atrapalhando em alguns momentos, devido à rapidez e urgência promovida pelos recursos tecnológicos, é através desses mesmos recursos que podem ocorrer novas interações e trocas de experiências. Ou seja, ao reconhecer e saber utilizar de forma consciente e eficaz uma tecnologia da informação e comunicação, a biblioteca pode atuar como mediadora entre os diversos sujeitos de um programa intergeracional. E é nessa perspectiva que, ao promover a interação de indivíduos de diferentes culturas e status, por exemplo, que ocorre a valorização dos sujeitos enquanto “[...] criadores e sustentadores de culturas e a formação de *contextos educativos* que promovam o caráter de totalidade e as diversas dimensões do conhecimento humano”, como afirma Tedeschi (2008, p. 18, grifos do autor), de modo a favorecer as trocas e negociações simbólicas entre indivíduos de culturas diferentes. Dessa forma, a biblioteca muda seu papel de instituição passiva, que permanece à espera de usuários e frequentadores, para assumir uma posição ativa, em que promove encontros e negociações simbólicas inerentes à prática intercultural.

---

<sup>23</sup> “In this process of deepening their awareness and appreciation of the arts, participants also deepen their trust and understanding of each other” (ALLEGHENY COUNTY LIBRARY ASSOCIATION, C2015).

#### 4.4. O papel da biblioteca em relação ao protagonismo do idoso

Ao longo do tempo, a definição e o papel das bibliotecas públicas foram se modificando e se adaptando ao contexto social, econômico, político e cultural de cada época. Em sua origem, no século XIX, o principal objetivo das bibliotecas, na Europa, era de conservação e preservação da memória nacional, como relatamos com Pereira (2012); e foi nos Estados Unidos que ocorreu a mudança desse paradigma, no qual a missão das bibliotecas voltou-se para a educação de adultos. Também foi destacado por Paiva (2008) que ao longo de seus avanços, possibilitar a democratização da informação tem sido o papel que as bibliotecas públicas desejam alcançar, atuando como um centro dinâmico de informação e cultura.

Dessa forma, se as bibliotecas públicas continuarem com a ideia de que são instituições que somente devem receber o público, para realizar consultas e empréstimos e ir embora para casa, elas continuarão a perceber o esvaziamento que ocorreu, principalmente nas bibliotecas do município de São Paulo, com o advento da internet e das tecnologias da informação e da comunicação, visto que os maiores frequentadores das bibliotecas eram alunos que iam realizar pesquisas escolares.

Miro Nalles, atual coordenador do Sistema Municipal de Bibliotecas de São Paulo, aponta que esse é o momento de ressignificar o papel das bibliotecas e ir atrás do público, através do diálogo com a comunidade do entorno, principalmente. Outro ponto ressaltado por Nalles é que “[...] se a comunidade, a população enxerga sentido naquele aparelho público, aquele aparelho público está preservado e ele vai ser muito bem utilizado por essa população” (informação verbal)<sup>24</sup>. Nesse sentido, é possível perceber a importância da integração biblioteca-comunidade, em que os indivíduos que integram essa comunidade possam participar ativamente da biblioteca, ocupando-a e auxiliando-a em sua ressignificação.

Bernardino e Suaiden (2011, p. 34) afirmam que a biblioteca pública deve transformar e ser transformada “para e pelo usuário, e que, em razão deste, possa se tornar um ambiente vivo e efervescente de cultura”. Ou seja, se tornar um ambiente propício para que o protagonismo seja incentivado e propagado, visto que “[...] em suas relações com o conhecimento e a cultura, os protagonistas criam e se recriam, num movimento são, ao

---

<sup>24</sup> Palestra proferida por Miro Nalles na Mesa Redonda – Panorama sobre as Bibliotecas Públicas da cidade de São Paulo, no Seminário São Paulo: a cidade e seus desafios, realizado pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), em outubro de 2015.

mesmo tempo, sujeito e objeto dos processos em que se acham inseridos”, de acordo com Perrotti e Pieruccini (2008).

O projeto *Seniors Come Out Swinging*, foi desenvolvido através do programa *Creative Aging in Our Communities: The Westchester Libraries Project*, uma iniciativa nova de artes da Westchester Library System (WLS) em parceria com a Lifetime Arts, Inc, no estado norte-americano de New York. Contando com dois workshops de dança e uma oficina de cenografia, que foram realizadas durante 10 semanas, o projeto contou com participantes com 55 anos ou mais, sendo finalizado com a apresentação do espetáculo, onde foram demonstradas “[...] as várias danças comuns na Era Pós-Segunda Guerra Mundial. O evento também apresentou um palco projetado original, pintado e instalado por idosos que participaram da oficina correspondente de artes visuais” (WESTCHESTER LIBRARY SYSTEM, 2009)<sup>25</sup>.

Como objetivo do projeto, consta “[...] desenvolver e implementar programas educacionais que promovam a criatividade em idosos e oferecer oportunidades para engajamento social significativo” (WESTCHESTER LIBRARY SYSTEM, 2009)<sup>26</sup>. Como é possível observar, há a preocupação da biblioteca em atuar como um local no qual o idoso seja protagonista, além de confirmar a visão de Bernardino e Suaiden acerca da biblioteca pública se colocar como agente de transformação e também permitir que seja transformada por seu público. Para os idosos envolvidos no projeto, além de participarem na dança que para alguns pode ter sido uma nova atividade, colaborar na criação e construção do cenário que faria parte da apresentação final, faz com que realmente se sintam parte integrante tanto do projeto quanto da comunidade, de modo a exercer a cidadania. Dessa forma, a abertura da biblioteca para a realização de outras atividades que não englobem somente a questão da leitura, possibilita que a própria comunidade atendida pela biblioteca participe de forma ativa na elaboração de programas e atividades culturais.

Portanto, com a ressignificação do papel das bibliotecas públicas, estas se tornam aptas a proporcionar novos sentidos e apropriações para seus frequentadores, assim como o inverso também pode ocorrer, em um movimento dinâmico e criador. Quanto a essa questão, somente as diretrizes canadenses contam com um tópico em que é possível perceber parte do

---

<sup>25</sup> “[...] the various dances common to the post-WWII era. The event also showcased an original stage set designed, painted, and installed by seniors participating in a corresponding visual arts workshop” (WESTCHESTER LIBRARY SYSTEM, 2009).

<sup>26</sup> “[...] develop and implement instructional programs that promote creativity in older adults and provide opportunities for meaningful social engagement” (WESTCHESTER LIBRARY SYSTEM, 2009).

que está sendo discutido aqui, sendo o último tópico do documento: “8. Proporcionar oportunidades para engajamento cívico para a comunidade de idosos”<sup>27</sup>, se desdobrando em

8.1. Proporcionar oportunidades de voluntariado para os idosos, flexíveis, diversificadas e significativas. 8.2. Utilizar idosos como fontes de recursos do programa. 8.3. Promover o emprego de idosos como profissionais e apoiadores dos funcionários (CANADIAN LIBRARY ASSOCIATION, 2009)<sup>28</sup>.

Entretanto, não é suficiente somente essa oferta de oportunidades de participação social ativa aos idosos; também é necessário que sejam elaboradas propostas de participação social significativa, através da apropriação de sentidos e da ação afirmativa nos processos simbólicos, como relatam Perrotti e Pieruccini acerca do protagonismo cultural. Aqui também cabe destacar que os três documentos abordam a questão do idoso como voluntário na biblioteca, onde as diretrizes australianas apontam que os aposentados poderiam atuar como voluntários, compartilhando suas habilidades e competências. Um programa de voluntariado, baseado em uma política bem definida elaborada pela biblioteca, pode trazer grandes benefícios para o idoso, visto que pode contribuir para desmistificar estereótipos negativos, atuar como uma possibilidade de interações e combater o isolamento social que alguns idosos podem aderir no processo de envelhecimento, como também fatores que influenciam o interesse por atividades culturais, como “[...] capacidades não exercitadas, motivação insuficiente, o indivíduo não se sente capaz” (SILVA, 2001, p. 9).

Lee e Chang (2011) realizaram um estudo de caso acerca da participação de idosos em serviços voluntários na Taipei Public Library, localizada em Taiwan, com a finalidade de conhecer as motivações dos idosos em começar e continuar a desenvolver trabalhos voluntários em bibliotecas. É interessante notar, nos resultados da pesquisa, que a principal motivação descrita pelos idosos para iniciar como voluntários, foi para passar o tempo; em relação à escolha de atuar especificamente em bibliotecas públicas, foi relatada a afirmação da identificação com as bibliotecas públicas, a questão da distância, tempo disponível, entre outros; e por fim, foram identificados 14 fatores relacionados à permanência dos idosos como voluntários em bibliotecas públicas, sendo categorizados em cinco grupos: mostrar

---

<sup>27</sup> “8. Provide opportunities for civic engagement for the older adult community” (CANADIAN LIBRARY ASSOCIATION, 2009).

<sup>28</sup> 8.1. Provide volunteer opportunities for older adults that are flexible, diverse and meaningful. 8.2. Utilize older adults as program resource people. 8.3. Promote the employment of older adults as professional and support staff members (CANADIAN LIBRARY ASSOCIATION, 2009)

responsabilidade para suas comunidades, obter oportunidades de aprendizagem, aumentar o contato com a sociedade, passar o tempo e, por fim, poupar o tempo de comuta (LEE; CHANG, 2011, p. 32-3).

Esse estudo demonstra o que foi discutido neste trabalho, principalmente em relação a contribuir para combater o isolamento social que muitas vezes é observado no processo de envelhecimento e também incentivar o aprendizado contínuo; além disso, é importante notar que os idosos, entrevistados nesse estudo, se preocupam com sua atuação diante e para com sua comunidade. Entretanto, é essencial destacar que as bibliotecas públicas, ao oferecerem programas de serviço voluntário aos idosos, devem se comprometer a tornar essa experiência significativa, de modo a elaborar o programa de voluntariado observando o conceito de protagonismo cultural.

Através dessa exposição, é possível perceber que essas três diretrizes ainda não apresentam, em suas orientações, a percepção do idoso enquanto protagonista cultural, sendo essa uma condição importante para que esse indivíduo se reconheça enquanto sujeito e objeto dos processos em que se encontra inserido. Além disso, esse reconhecimento também auxiliaria em sua atuação em projetos interculturais, visto que é por meio de negociações e trocas simbólicas que há a apropriação e a construção do conhecimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências e ações realizadas por bibliotecas públicas, apresentadas neste trabalho, apontam que realmente existe a preocupação (ainda incipiente, na grande maioria), por parte dessas instituições, com o acelerado processo de envelhecimento populacional que está ocorrendo no mundo e os impactos que essa situação promove. Com isso, também é possível perceber que as bibliotecas estão se empenhando em criar oportunidades para que o idoso se aproprie desse espaço público e possa ser, de fato, um protagonista cultural. Entretanto, ainda existem muitos desafios a serem superados para que esses objetivos sejam atingidos, como foi visto na fundamentação teórica e na análise das diretrizes norte-americanas, australianas e canadenses.

É importante destacar que as diretrizes abordam perspectivas que não parecem crer no protagonismo dos idosos, visto que orientam as bibliotecas sob um ponto de vista passivo, ou seja, incentivam-nas a se tornarem atrativas para que os idosos as busquem, ao invés de irem ao encontro deles, como pode ser observado nas orientações em relação ao treinamento da equipe para o atendimento, por exemplo. Nesse sentido, seria interessante que esses documentos, que têm por finalidade orientar as bibliotecas e os serviços prestados aos idosos por elas, abordassem a questão do protagonismo do idoso, de forma a tratá-lo como agente ativo de seu conhecimento e experiências, e não como reprodutor cultural.

Os três eixos definidos como ponto de partida para a análise, ou seja, a questão da interculturalidade, as bibliotecas enquanto espaços públicos e, por fim, o papel da biblioteca em relação ao protagonismo do idoso, buscaram ressaltar pontos importantes e interligados que devem ser abordados pelas bibliotecas públicas no momento em que ações e atividades são elaboradas e desenvolvidas para atender seus diversos públicos, inclusive os idosos. Dessa forma, questionar a apropriação que se faz das bibliotecas enquanto espaço público se faz necessária, visto que o programa *Senior's Gathering*, com questões levantadas pela própria comunidade para serem discutidas, demonstra que a biblioteca pode e deve acolher as sugestões de seu público, além de proporcionar um ambiente adequado para as trocas e negociações também envolvidas no âmbito da interculturalidade.

Outro ponto que não pode ser desconsiderado é a importância do espaço público aliado à concepção de um espaço físico adequado às necessidades dos idosos; ou seja, o *Programa +60* é um bom exemplo em relação à constituição de um espaço físico apropriado para idosos, com poltronas, mesas, prateleiras, lupas, proteção de quina de mesa, entre outras

soluções para proporcionar uma boa experiência do idoso com o espaço, tornando-o confortável para leitura, por exemplo. Porém, integrar as exigências para um espaço físico adequado à construção de um espaço propício para a apropriação e ao exercício da cidadania dos idosos resultaria em um projeto que contemplaria de forma adequada o protagonismo cultural.

Acerca da interculturalidade e dos projetos intergeracionais, várias experiências desenvolvidas em bibliotecas públicas foram encontradas, no contexto mundial, nas quais o *Conócelos y aprende*, na Espanha, e o *Create Together: An Intergenerational Art Program*, nos Estados Unidos, foram os programas que mais se destacaram devido à metodologia empregada e aos vínculos afetivos estabelecidos entre idosos e crianças durante a extensão desses programas. O primeiro, contando com a narração de importantes fatos da vida dos idosos em conjunto com a interação proposta através das perguntas ao final, resultando em um documento que posteriormente se torna parte do acervo, incentiva e reconhece tanto os idosos como as crianças como protagonistas culturais. Já o segundo, ao serem formadas duplas entre idosos e crianças para a produção de obras artísticas, culminando na montagem de uma galeria de exposição ao final do programa, colabora para que exista a desmistificação de estereótipos negativos e a colaboração mútua entre esses dois atores. Ou seja, conforme aponta Coll

A interculturalidade, em definitivo, representa uma experiência libertadora para todas e cada uma das culturas que interagem, por meio da qual podemos reconhecer os limites inerentes a nossas culturas e nossos mundos; ao mesmo tempo, porém, ela nos permite perceber o caráter infinito e transcendente de nós mesmos, de nossas identidades e de nossos respectivos mundos (COLL, 2002, p. 51).

Também é importante ressaltar que o programa *Seniors Come Out Swinging* é uma proposta interessante para o protagonismo do idoso, visto que além de proporcionar novos aprendizados como a dança e as artes visuais, os participantes constroem o próprio cenário no qual encenam a apresentação final da dança. Dessa forma, as bibliotecas públicas, ao incentivarem iniciativas como essa, promovem o protagonismo, visto que os idosos têm a possibilidade de criar e se recriarem enquanto sujeitos e objetos desse processo, conforme destacam Perrotti e Pieruccini. O voluntariado também pode contribuir para o protagonismo do idoso; como uma experiência, os idosos que trabalham como voluntários na Taipei Public Library, em Taiwan, relataram que a motivação maior para iniciarem como voluntários era



para “passar o tempo”; entretanto, quando perguntados sobre as razões de continuarem como voluntários, novas perspectivas foram citadas, como demonstrar responsabilidade para suas comunidades, obter oportunidades de aprendizagem e aumentar o contato com a sociedade. Essas afirmações nos levam a crer que, se o programa de voluntariado oferecido aos idosos fosse elaborado de forma a tornar essa experiência significativa para eles, de permitir trocas intergeracionais, as razões acerca da permanência como voluntários aumentariam, visto que como protagonista e exercendo sua cidadania de forma plena, o idoso se sente pertencente à sociedade da qual faz parte.

Outro ponto essencial a ser ressaltado é a importância da continuidade de pesquisas nessa área, visto que mesmo com o evidente envelhecimento populacional no mundo, estudos e pesquisas que estabelecem uma conexão entre as bibliotecas públicas e os idosos são poucos, demonstrando uma situação que comprova a invisibilidade dessa população perante a sociedade e a biblioteconomia, em especial. Dessa forma, o presente trabalho buscou apresentar o atual panorama sobre o envelhecimento e suas implicações, assim como as diretrizes propostas para orientar serviços voltados aos idosos em bibliotecas, além de ações e experiências que algumas bibliotecas públicas desenvolvem, confrontando com o quadro teórico construído anteriormente.

Portanto, as experiências aqui abordadas, com a finalidade de mostrar que essas podem ser realizadas em bibliotecas públicas e de forma a irem além do que as diretrizes demonstram, nos levam a acreditar que, apesar de não serem obrigatórias e funcionarem somente como um guia para as bibliotecas planejarem seus programas e serviços para idosos, as diretrizes devem ser revistas com o objetivo de considerar os idosos como protagonistas. Além disso, é necessário reforçar que as bibliotecas precisam assumir uma postura ativa e dinâmica perante essa nova realidade do envelhecimento mundial, visto que, como Miro Nalles ressalta, é preciso que haja o diálogo com a comunidade do entorno, com a finalidade de compreender novas demandas, necessidades e desejos dos mais diversos públicos, inclusive dos idosos. Pois é somente dessa forma que novas ações, atividades, programas e projetos podem ser elaborados de maneira a despertar o interesse da comunidade nas bibliotecas públicas, além de contribuir para a ressignificação da biblioteca considerando-a enquanto espaço público de apropriação propício para o desenvolvimento da interculturalidade e do protagonismo cultural.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFIUNE, Abrahão. Envelhecimento cardiovascular. In: FREITAS, E.; PY, L. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. p.373-379.

ALLEGHENY COUNTY LIBRARY ASSOCIATION. **The Intergenerational Library**. C2015. Disponível em: <[http://www.aclalibraries.org/general/the\\_intergenerational\\_library.html](http://www.aclalibraries.org/general/the_intergenerational_library.html)> Acesso em: 12 out. 2015.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Bibliotecas públicas e bibliotecas alternativas**. Londrina: Editora da UEL, 1997.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Biblioteca pública e comunidade: um vínculo ainda inexistente. In: ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Sociedade e Biblioteconomia**. São Paulo: Polis; APB, 1997. p. 74-82.

AMARAL, Nilza. Cultura e maturidade. **A Terceira Idade**. SESC-GETI. São Paulo, ano XI, n. 20, 2000. p. 40-55.

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. **Guidelines for Library and Information Services to Older Adults**. Chicago: American Library Association, 2008.

ASSEMBLEIA NACIONAL DE IDOSOS. **A Terceira Idade**. SESC-GETI. São Paulo, ano X, n. 17, 1999. p. 94.

AUSTRALIAN LIBRARY AND INFORMATION ASSOCIATION. G19 – Services for older people. In: AUSTRALIAN Library and Information Association. **Standards and Guidelines for Australian Public Libraries**. Deakin: Australian Library and Information Association, 2012. p. 58-9.

BEAUVOIR, Simone de. A velhice. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BERNARDINO, Maria Cleide Rodrigues; SUAIDEN, Emir José. O papel social da biblioteca pública na interação entre informação e conhecimento no contexto da ciência da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**. v. 16, n. 4, p. 29-41, out./dez. 2011.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BURITI, Marcelo de Almeida. Lazer e envelhecimento. In: WITTER, Geraldina Porto (org.). **Envelhecimento: referenciais teóricos e pesquisas**. Campinas: Alínea, 2010. p. 103-118.

CAMARGO, Maria Lígia Marcondes de. Repensando a arte e o lazer na terceira idade. **A Terceira Idade**. SESC-GETI. São Paulo, ano X, n. 18, 2010. p. 68-74.

CANADIAN LIBRARY ASSOCIATION. **Canadian Guidelines on Library and Information Services for Older Adults**. Halifax: Canadian Library Association, 2009.

CANINEU, Paulo Renato; SAMARA, Adriana Bastos; STELLA, Florindo. Transtorno cognitivo leve. In: FREITAS, E.; PY, L. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. p.169-177.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário**. São Paulo: Iluminuras, 2004.

COLL, Agustí Nicolau. **Propostas para uma diversidade cultural intercultural na era da globalização**. São Paulo: Instituto Pólis, 2002. 124 p. (Cadernos de Proposições para o Século XXI, 2).

DÍAZ GRAU, Antonio. Experiencias com ancianos y niños em uma biblioteca pública: bueno, bonito y barato. **Boletín de la Asociación Andaluza de Bibliotecarios**. Málaga, nº 82, mar. 2006, p. 57-67.

**ESTAÇÃO MEMÓRIA**. 2014. Disponível em: <<http://estacaomemoria.wix.com/home#!sobre-nos/c1sv8>> Acesso em: 01 ago. 2015.

FARIA, Ivete Pieruccini. **Estação Memória**: lembrar como projeto. Contribuições ao estudo da mediação cultural. 1999. 117 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.

FISHER, Karen E.; SAXTON, Matthew L.; EDWARDS, Phillip M.; MAI, Jens-Erik. Seattle Public Library as place: reconceptualizing space, community, and information at the Central Library. *In*: BUSCHMAN, John E.; LECKIE, Gloria J (edit.). **The library as place**: history, community, and culture. Westport: Libraries Unlimited, 2006.p. 135-160.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Diferentes, desiguais e desconectados**: mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

GRAVILOV, Leonid A.; HEUVELINE, Patrick. Aging of population. *In*: DEMENY, Paul; MCNICOLL, Geoffrey (edit.). **The Encyclopedia of Population**. New York: Macmillan Reference USA, 2003.

GONÇALVES, Maria Carolina. **Projeto reúne idosos, jovens e memórias**. 2011. Disponível em: <<http://www3.eca.usp.br/node/1836>> Acesso em: 28 jul. 2015.

GOMES, Henriette Ferreira. A biblioteca pública e os domínios da memória, da mediação e da identidade social. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 19, número especial, p. 151-163, out./dez., 2014.

INSTITUTO TELLUS. **Inovações em serviços de biblioteca para terceira idade**. São Paulo: SP Leituras, 2012. (Notas de biblioteca, v. 4)

JUSTO, José Sterza; ROZEDO, Adriano da Silva; CORREA, Mariele Rodrigues. O Idoso como Protagonista Social. **A Terceira Idade**. SESC-GETI. São Paulo, v. 21, n. 48, 2010.

KALACHE, Alexandre; VERAS, Renato P.; RAMOS, Luiz R. O envelhecimento da população mundial: um desafio novo. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 200-10, 1987.

KESSEL, Zilda. Lembrar, contar, compartilhar: a memória como caminho para o diálogo intergeracional. **A Terceira Idade**. SESC-GETI. São Paulo, v. 15, n. 30, 2004. p. 52-63.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.** 2002, n.19, p. 20-28.

LEE, Pei-Yi; CHANG, Shan-Ju L. Elderly participation in public library voluntary services: a case study of Taipei Public Library. **Journal of Educational Media & Library Sciences**, n. 49, v. 1, 2011. p. 31-38.

LEIBING, Annette. Memória, velhice e sociedade. In: FREITAS, E.; PY, L. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. p.1567-1570

LEITE, Rogério Proença. **Contra-usos da cidade**: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. Campinas: Editora da UNICAMP; Aracaju: Editora UFS, 2004.

LEONETTE, Charity. **“Create Together” at Allegheny County Library Association**. 2012. Disponível em: <<http://www.libraryasincubatorproject.org/?p=5696>> Acesso em: 27 out. 2015.

LIMA, Cristina Rodrigues. **Programas intergeracionais**: um estudo sobre as atividades que aproximam as diversas gerações. Campinas: Editora Alínea, 2008.

MACHADO, Elisa Campos; ELIAS JUNIOR, Alberto Calil; ACHILLES, Daniele. A biblioteca pública no espaço público: estratégias de mobilização cultural e atuação sócio-política do bibliotecário. **Perspectivas em Ciência da Informação**. v. 14, número especial, p. 115-127, out./dez. 2014.

MANE, Ernesto Batista; PAIVA, Eliane Bezerra. Necessidades de informação de idosos: pesquisa com o grupo “alegria de viver”, SESC-PB. **Biblionline**. João Pessoa, v. 3, n.2, 2007. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/biblio/article/view/1641>> Acesso em: 04 jun. 2015.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Diversidade em convergência. **MATRIZES**. São Paulo, v. 8, n. 2, p. 15-33, jul./dez. 2014.

MILANESI, Luís. **O que é biblioteca**. São Paulo: Brasiliense, 1983. 107p (Coleção Primeiros Passos, v. 94).

MILNITZKY, Claudia; SUNG, Florence; PEREIRA, Rodrigo Mendes. Políticas públicas e envelhecimento: conquistas e desafios. **A Terceira Idade**. SESC-GETI. São Paulo, v. 15, n. 31, 2004. p. 54-69.

NASCENTES, Claudiene. Memória, velhice e pesquisa. **A Terceira Idade**. SESC-GETI. São Paulo, v. 15, n. 29, 2004. p. 68-79.

NORTH VANCOUVER CITY LIBRARY. **Seniors' gathering**. 2014. Disponível em: <<http://www.nvcl.ca/using-the-library/seniors/seniors-gathering>> Acesso em: 24 out. 2015.

OLDENBURG, Ray. The character of third places. *In*: OLDENBURG, Ray. **The great good place**: cafés, coffee shops, bookstores, bars, hair salons, and other hangouts at the heart of a community. New York: Marlowe, 1982. p. 20-42.

OLIVEIRA, Lúcia Maciel Barbosa de. Conhecimento e interculturalidade. **DataGramZero**, v. 15, n. 3, jun. 2014.

OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. Velhice: teorias, conceitos e preconceitos. **A Terceira Idade**. SESC-GETI. São Paulo, ano XIII, n. 25, 2002. p. 36-50.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Guia global**: cidade amiga do idoso. Geneva, 2008.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Health of the elderly**. Geneva, 1989.

PAIVA, Marília de Abreu Martins de. Biblioteca pública. *In*: PAIVA, Marília de Abreu Martins de. **Bibliotecas públicas**: políticas do Estado brasileiro de 1990 a 2006. 2008. 140 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais. 2008.p. 14-23.

PAIVA, Simone Borges. **Oficinas intergeracionais**: saberes e fazeres da experiência, mediação cultural e significação. 2015. 245 p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2015.

PEREIRA, Ângela Salgueiro. Bibliotecas públicas, resiliência organizacional e evolução concetual. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, XI, 2012. Lisboa. **Actas...** Lisboa: Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, 2012. Disponível em: <<http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/view/362>> Acesso em: 05 maio 2015.

PERRACINI, Monica Rodrigues. Planejamento e adaptação do ambiente para pessoas idosas. *In*: FREITAS, E.; PY, L. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. p. 1311-1323.

PERROTTI, Edmir; PIERUCCINI, Ivete. **Infoeducação**: saberes e fazeres da contemporaneidade. 2008. Disponível em: <<http://infoeducacaosp.blogspot.com.br/2008/10/infoeducacao-saberes-e-fazeres-da.html>> Acesso em: 18 set. 2015.

PIERUCCINI, Ivete. **Protagonismo e apropriação cultural**: a perspectiva da Infoeducação. 2014. Disponível em: <<http://bogliolo.eci.ufmg.br/downloads/PIERUCCINI%20Palestra%20ECI.pdf>> Acesso em: 19 set. 2015.

RIVA, Eliana Barbosa Gonçalves. Terceira idade programa integrado. **A Terceira Idade**. SESC-GETI. São Paulo, ano IX, n. 12, 1999. p.17-25.

SALGADO, Marcelo Antonio. Envelhecimento populacional: o desafio do próximo milênio. **A Terceira Idade**. SESC-GETI. São Paulo, ano X, n. 14, 1998. p.30-43.

SALGADO, Marcelo Antonio. Os grupos e a ação pedagógica do Trabalho Social com Idosos. **A Terceira Idade**. SESC-GETI. São Paulo, v. 18, n. 39, 2007.

SILVA, Sérgio Amaral. De novo no centro do palco: a cultura como agente transformador da maturidade. **A Terceira Idade**. SESC-GETI. São Paulo, ano XII, n. 22, 2001. p. 5-19.

SOARES, Antonio Evanilson; SILVA, Maria Josefina da. A importância do lazer para a sociabilidade do idoso residente em áreas de periferia. **A Terceira Idade**. SESC-GETI. São Paulo, ano X, n. 16, 1999. p. 54-61.

SUAIDEN, Emir. **Biblioteca pública e informação à comunidade**. São Paulo: Global, 1995.

TEDESCHI, Losandro Antonio. Interculturalidade: a igualdade e a diferença em debate. In: TEDESCHI, Losandro Antonio (org.). **Abordagens interculturais**. Porto Alegre: Martins Livreiro-Editor, 2008. p. 11-21.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION. **Manifesto da IFLA/UNESCO sobre bibliotecas públicas**. Paris, 1994. Disponível em: <<http://archive.ifla.org/VII/s8/unesco/port.htm>>. Acesso em 30 abr. 2015.

UNITED NATIONS POPULATION FUND. **Ageing in the twenty-first century: a celebration and a challenge**. New York: United Nations Population Fund; London: Help Age International, 2012.

WESTCHESTER LIBRARY SYSTEM. **Seniors Come Out Swinging (Part 1) - Westchester Library System**. 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mPe-3fOzNKg>>. Acesso em: 05 nov. 2015.